

# ARQUEOLOGIA

## A

### COMPREENSÃO DO PASSADO

#### INTRODUÇÃO.

Arqueologia/ substantivo feminino, derivado do grego arkhaios + logos- ciência. Estudo das civilizações que se sucederam desde o aparecimento do homem.

No séc. XVIII, estabeleceram-se as primeiras bases técnicas da arqueologia, graças a CAYLOS e J. WINCKELMANN.

Quando se descobre HERCULANO—1709 e POMPEIA—1748, o interesse pelo passado, ganha novo impulso.

No séc. XIX, a arqueologia organiza-se—BOUCHER DE PERTHES, antevê a grandiosidade da antiguidade e faz o anúncio da existência de PRÉ—HISTÓRIA.

Em 1832- CHAMPOLLION, decifra os hieróglifos e o britânico RAWLINSON a cuneiforme.

Relatos de viajantes a zonas longínquas aguçam o interesse pelo passado, que aumenta com as escavações das grandes cidades da antiguidade, como---TRÓIA---por SCHLIEMANN---NIMRUD----por SIR AUSTEN HENRY LAYARD----- a capital de SARGÃO da ASSÍRIA ( Dur- sharruken, a actual Corsabade)---por ÉMILE BOTTA

Criam-se grandes institutos europeus de investigação: Escola francesa de Atenas-1846, Escola francesa de Roma-1874, Instituto francês do Cairo-1879, Instituto alemão de arqueologia-1874. É a época da procura desenfreada de objectos, para enriquecimento do espólio dos museus, as violações por pessoas sem conhecimentos e com o único objectivo, o de enriquecer leva a que se tome medidas para proteger as descobertas arqueológicas.

No séc. XX a arqueologia torna-se ciência--- com legislação própria e ensino. O trabalho arqueológico divide-se em quatro fases distintas:

- prospecção;
- escavação;
- estudo do material e sua interpretação;
- publicação dos resultados.

Para haver uma data histórica, era necessário haver documentos escritos, mas assim a história dependia da alfabetização. Documentos escritos datados de 1.500 a. C. Não seriam obrigatoriamente os mais antigos, pois muitos povos já existiriam antes, mas sem possuírem escrita. Com o desenvolvimento da Física Nuclear e o aparecimento

da datação por radiocarbono, torna-se possível datar a morte de restos de qualquer planta ou animal, que tenha ocorrido até à cerca de 40.000 anos.

## DATAÇÃO

No séc. XVIII, na Europa Ocidental, acreditava-se que o mundo tinha sido criado por intervenção divina, em 4.004 a.C. (data bíblica). Mas a descoberta de utensílios de pedra e ossos de animais extintos, em terraços de sedimentos de rios europeus, com mais de 6.000 anos de idade, levou a que a crença vigente fosse posta em causa.

Um dos métodos de datação utilizado, foi o sistema das Três Idades:

1º--objectos de pedra

2º--objectos de bronze

3º--objectos de ferro.

Esta ordem era um aspecto importante da cronologia da Pré-História, em que os investigadores estavam de acordo, inclusivé na evidente mudança de estilo e tecnologias utilizadas.

Outro dos métodos utilizados era a Estratigrafia, ou seja, o estudo da sucessão de camadas acumuladas. Por exemplo, uma caverna, as camadas encontradas, abrangiam muitas vezes séculos ou até por vezes milénios, de mudanças culturais e tecnológicas. Mas para este método ser viável na datação, teriam de haver documentos escritos ou então marcas de uma civilização conhecida.

A Dendrocronologia- era o método de datação através dos anéis das árvores— padrão de crescimento anual visível, em pedaços de madeira, ainda que antiga.

Nos finais da década de quarenta do séc XX, descobriu-se –a datação por radiocarbono, pelo potássio-argónio e pela termoluminescência. O primeiro só pode ser utilizado em vestígios com menos de 40.000 anos, para épocas anteriores utiliza-se o potássio, mas este só se usa em materiais vulcânicos. A termoluminescência é usado em objectos de barro cozido e cerâmica.

## A SOBREVIVÊNCIA DO PASSADO

A tarefa dos arqueólogos fica facilitada se os vestígios encontrados estiverem intactos, isso depende em muito do clima , do tipo de solo onde são encontrados, de terem ou não sofrido alterações, antes ou depois de terem sido enterrados. Há locais onde só os utensílios de pedra sobreviveram, o barro e a cerâmica são resistentes mas mais sensíveis a intervenções exteriores, como por exemplo os arados.O ouro, prata e chumbo são muito resistentes, enquanto que o cobre e o bronze sofrem grandes alterações se estiverem em solos com elevados níveis de acidez. O ferro enferruja com muita facilidade. Os ossos se estiverem num solo de greda, ficam bem conservados, o contrário acontece se estiverem em solos ácidos.

Mas por vezes há condições específicas, que contribuem para a conservação de certos vestígios, como as erupções vulcânicas, que conservaram as cidades de Pompeia e Herculano.

Os arqueólogos procuram locais, para os preservar da destruição e para melhorar os seus conhecimentos do passado. Para isso, utilizam: mapas e documentos escritos antigos; conversam com os habitantes das regiões a pesquisar; verificam se há vestígios aéreos. As fotografias de satélite e o levantamento cartográfico por radar em altitudes elevadas, também são utilizados, mas este último só muito raramente, por ser muito dispendioso.

Muitos vestígios foram destruídos, por ignorância ou conveniência, quer fosse para dar lugar a construções ou para o amanhã das terras.

Por vezes, durante os terramotos, a natureza dá uma ajuda pondo a descoberto vestígios de interesse arqueológico.

## A ESCAVAÇÃO

É o processo mais importante para descobrir o nosso passado, é um processo lento e metódico. Há alguns anos, só os objectos mais delicados eram aproveitados. Hoje a preocupação, já não é só coleccionar objectos, o que é importante é datá-los, descobrir a sua origem e o seu lugar no contexto. Faz-se o estudo das várias camadas (estratigrafia), mas também se estuda as áreas horizontais ou «fatias de tempo»--o plano e disposição de estruturas, edifícios e até aldeias inteiras. Para haver este tipo de investigação total, tem de se ter em conta, o tamanho e o tipo de local, o tempo disponível, o equipamento necessário, a mão-de-obra e as questões que se querem estudar. Daí este tipo de investigação, ser muito raro, a morosidade dos trabalhos, tornam-as inviáveis.

Qualquer escavação inclui destruição, o pedaço que se escava nunca mais vai poder ser estudado novamente, assim faz-se um registo o mais completo possível, de todos os resultados, para que nada se perca.

## O POVOAMENTO

A arqueologia que estuda o povoamento tem por objectivo, estudar o comportamento humano aos níveis: doméstico, económico e social

No Paleolítico há locais que parecem ter sido utilizados, uns unicamente para a matança de animais, outros para a extracção de pedra e fabrico de utensílios. Em locais mais puros, pode-se até encaixar as lascas de pedra nos sítios de onde foram retiradas, saber-se o local onde se fazia o fogo, onde se sentavam os seus utilizadores, em que caverna viviam, em que local estava construída a cabana, etc.

Os materiais usados na construção de uma povoação, indicam se havia uma longa ou curta permanência no local. As sociedades de caçadores-recolectores eram pequenas, formadas por grupos que se deslocavam sazonalmente. As sociedades agrícolas eram muito maiores e mais organizadas.

Em vestígios de cidades antigas, encontraram-se uma zona de ricos e outra completamente distinta de pobres. O importante no estudo de uma cidade, é recolher uma amostra de todas as estruturas, assim como ter a noção do tamanho da cidade. Muitas vezes o desenvolvimento dessa cidade gera uma infinidade de materiais diferentes, que precisam de ser distinguidos.

## PADRÕES DE POVOAMENTO

Para se construir um povoamento, procuram-se as condições ideais, quer a nível de clima, de flora, de fauna, de acessos, de água potável, relações entre grupos, etc.

Hoje em dia, tenta-se localizar o maior número possível de povoações numa dada região, mas raramente se pode provar que dois locais foram habitados ao mesmo tempo. Daí que, as conclusões sobre as inter-relações e os padrões de povoamento, serem mais suposições do que certezas. Além disso pode haver locais especializados, como por exemplo:

- extracção de matérias-primas,
- práticas militares,
- rituais,
- comércio,

Nestas os vestígios são a evidência da actividade exercida. Óbvio é também o facto que em regiões férteis se estabeleceram, sociedades agrícolas e que em regiões agrestes se estabeleceram sociedades cuja actividade principal era o pastoreio.

Quanto mais se evoluiu, mais complexo se tornou o padrão de povoamento. A política, a religião e o comércio ditavam a sua organização e a escolha do local.

## AS SEPULTURAS

A maior parte dos povos tem um cuidado especial com os seus mortos, daí que os arqueólogos, tenham conseguido muitos e bons resultados nos estudos das sepulturas encontradas.

Corpos congelados, dissecados, mumificados, mutilados ou até pedaços de corpos cremados, têm dado a conhecer aos arqueólogos, a idade, o sexo, a altura, a aparência, a causa da morte e o estado de saúde. Se o estômago é encontrado, sabe-se

qual a última refeição do morto, a análise dos ossos e tecidos permite conhecer os seus hábitos alimentares.

Se for possível descobrir grupos sanguíneos, é possível chegar a relações familiares.

A posição do corpo e o tratamento que lhe foi dado, revela o ritual funerário, os objectos que na maior parte das vezes acompanhava o corpo, permite descobrir o sexo, profissão e posição social.

Alguns túmulos são colectivos, usados durante décadas pela mesma família ou comunidade.

Os cemitérios dão informações específicas, pois ao estudar os corpos pode-se determinar, naquela região: as doenças, a duração média de vida, etc.

Muitas informações foram destruídas, devido aos assaltantes de sepulturas, peças de ouro, prata, tudo o que renda dinheiro, foram roubados privando-nos de uma parcela de conhecimento. Nos dias de hoje os arqueólogos debatem-se também com a oposição religiosa, que não autoriza a que os investigadores mexam nas suas sepulturas.

## LOCAIS SUBAQUÁTICOS

A arqueologia investiga em poços, nascentes, povoações lacustres submersas, cidades e portos afundados e navios naufragados.

Adolphe Morlot, com um balde com viseira de vidro, usou um fio e uma rede de caçar borboletas (1854), para recolher vestígios do fundo do lago Genebra, foi a primeira investigação subaquática de que há conhecimento.

O avanço da tecnologia, permite hoje uma investigação, quase total. As povoações geralmente não estão em locais muito profundos, o que facilita as escavações, embora sejam sempre muito demoradas e dispendiosas.

Em ambientes subaquáticos a madeira e os têxteis, estão sempre em melhor estado de conservação, por isso é tão importante o seu estudo.

Quase nunca se pode trazer o navio para terra, por isso o trabalho é quase todo feito no local, com os perigos normais de tal situação, mas é lógico que as recompensas são enormes, um navio naufragado é uma caixa de tempo, onde se podem encontrar vestígios que de outra maneira não seria possível. Um navio mercante do séc. IV a.C. descoberto em Kyrenia, onde foram descobertas ânforas de Samos e Rodes, pedras de amolar de Cos, e amêndoas de Chipre.

Há navios completamente destruídos e outros aparentemente intactos, podem estar enterrados ou simplesmente pousados no leito, mas mesmo nos destruídos os especialistas, conseguem fazer uma reconstituição de como ele era.

Este tipo de investigação subaquática tem contribuído para um melhor conhecimento do desenvolvimento da tecnologia marítima.

## ALIMENTAÇÃO

Só há cerca de dez mil anos é que o homem deixou de se alimentar de frutos, para começar a consumir animais domésticos e a cultivar a terra. Foi a capacidade de ter um abastecimento constante e excedentes em armazém, que levou ao desenvolvimento de sociedades mais complexas.

Os vestígios são de várias naturezas: esqueletos de animais com sinais de esquartejamento, assaduras ou queimaduras e a existência de plantas, sementes ou frutos, enterrados de forma a facilitar a sua conservação. Há casos muito raros de pão e jarros de hidromel ou vinho encontrados em óptimo estado de conservação.

Os objectos utilizados para cozinhar, permitem chegar a muitas conclusões sobre a dieta alimentar. O estudo da região do estômago dos esqueletos acrescentam algumas pistas, assim como as pinturas rupestres e nas cêramicas. Os cropólitos (fezes fósseis), permitem também chegar a algumas conclusões.

Descobriu-se que as culturas mais importantes eram as dos lavradores que consumiam mais alimentos ricos em hidrato de carbono (trigo, milho, arroz, cevada, aveia, centeio, painço e sorgo).

Em algumas zonas tropicais os hidratos de carbono encontravam-se na batata-doce, inham, mandioca, banana e fruta-pão.

Além dos hidrato de carbonos a alimentação, possuía também gorduras e proteínas, estas últimas, no velho mundo eram obtidas pelo consumo de legumes— feijões, ervilhas e lentilhas.

O comércio introduziu, novas plantas e animais domésticos em novas zonas. As bebidas alcoólicas, são um produto comercial desde o início da história humana. Foi esta distribuição de vários tipos de alimentos que influenciaram a organização e desenvolvimento das sociedades.

## OS TÊXTEIS

O vestuário permitiu ao homem desenvolver a habilidade manual e aventurar-se em regiões mais frias. Era uma marca de posição social ou símbolo de um clã ou tribo.

As fibras vegetais foram as primeiras a ser utilizadas pelo homem pré-histórico. O linho é o primeiro têxtil do velho mundo. A seda já era conhecida na China em cerca de 2.700 a.C. As fibras vegetais tinham de ser extraídas do tronco ou casca da planta, triturada e combinada, até ser transformada em fio no fuso. O tear apareceu na Europa na idade média, mas veio cedo na China.

Entre 300 e 1.000 d.C., dá-se um rápido desenvolvimento na arte de tecer e nos próprios teares.

Os padrões davam a cada região um cunho têxtil diferente.

Os bordados não tiveram grande importância se compararmos com os padrões tecidos, muitas vezes ambos entravam em concorrência com os tecidos estampados ou tingidos. Os tecidos tingidos dependiam de produtos de coloração, extraídos de plantas, moluscos ou insectos.

Os tecelões, satisfaziam não só a necessidade que o homem tinha de se cobrir, mas também a sua vaidade.

## DOENÇAS

A Paleopatologia—é o estudo das doenças dos povos antigos.

Através da investigação de esqueletos, obtêm-se uma quantidade enorme de informações:

--herança genética—ambiente natural—condições sociais—doenças—deformidades—dietas alimentares—ferimentos (acidentais ou violentos)—morte prematura ou velhice.

No feto e na criança, o esqueleto desenvolve-se de acordo com a hereditariedade, algumas doenças também são herdadas, como por exemplo, a deformação da anca. Os ossos de um adulto, renovam e restauram-se, constantemente. Há esqueletos com fracturas curadas outras, ocorridas antes da morte e não curadas.

A trepanação—técnica de fazer orifícios no crânio para aliviar a pressão ou por razões de magia, é bem conhecida dos arqueólogos. A taxa de recuperação era simplesmente espantosa, foi inclusive encontrado um crânio com sete orifícios e todos eles estavam curados.

Mas em sociedades pouco desenvolvidas, um abscesso dentário, podia ser causa de morte.

Há padrões de doenças que vão mudando através dos tempos. Está provado que as primeiras populações eram muito vulneráveis às doenças.

## A GUERRA

A violência sempre fez parte da natureza humana. O primeiro conflito, organizado e documentado, entre gupos, data de há dez mil anos. Um pouco mais tarde,

a arte rupestre no sudoeste de Espanha mostra grupos a lançarem setas, uns contra os outros.

Com o desenvolvimento económico e social, talvez depois de se tornarem agricultores, os grupos mais numerosos e com mais recursos, antegonizavam os seus vizinhos ou quem os tenta-se roubar. Quando as sociedades passaram a ser governadas por chefes ou reis, os conflitos aumentaram ainda mais. Quanto mais organizados se tornavam, mais mortífera era a guerra.

Placas de barro da Grécia e da Mesopotâmia, mostram que havia quem só se dedica-se ao fabrico e aperfeiçoamento de armas de guerra. Armaduras, armas, carros de guerra e grupos que se especializavam em combate, mostram-nos que a organização social, se baseava cada vez mais na guerra. O que hoje se sabe, sobre a evolução, dos conflitos e instrumentos de guerra, deve-se em grande parte às oferendas aos deuses, encontradas nos túmulos e às feridas que os esqueletos apresentavam.

Os cavalos foram domesticados pela primeira vez, nas estepes russas, em 4.400 a.C., serviam para puxar os carros de guerra, em 1.000 a.C., apareceu a cavalaria ligeira que atingiu o seu auge no primeiro milénio d.C., devido à invenção do estribo.

Os chineses inventam a pólvora, por volta de 1.161 d.C., que passado muito pouco tempo, começa a ser utilizada para fins militares. No séc. XIII, aparecem os canhões e foguetes.

A Arqueologia pode e deve ser um factor decisivo na descoberta da verdade nos relatos de guerra, pois não tendo participado neles, pode avalia-los com isenção.

## OBJECTOS DE VALOR

O Homo Habilis, adquire a capacidade de fabricar utensílios, essa habilidade tornou-nos , os mais fortes, com mais capacidade de sobreviver num mundo adverso. Nem sempre os objectos tinham um uso prático, muitos foram os que apenas possuíam valor cultural, simbólico ou religioso, serviam para fazer a diferença entre classes. Quem os possuía, tinha poder e riqueza.

Na europa pré-histórica, o jade foi considerado precioso. Na América central, até à conquista espanhola, na China e na Nova Zelândia, era o ouro o metal , mais considerado. A diversidade de zonas e o seu afastamento em termos geográficos, só pde querer dizer que esses metais tinham alguma, coisa de especial. Realmente, ambos têm uma enorme durabilidade—são raros—e a sua beleza é inegável. Eram para ser vistos e admirados. O ouro nunca perde a cor nem cria manchas.

O ouro, oâmbar, a turquesa e o jade são raros, o seu transporte ainda os encarecia mais, só os ricos podiam comprar estes materiais, que eram trabalhados por artesãos especializados. O ouro no Egipto e o jade na China eram símbolos de eternidade, por isso são vulgares nos túmulos dos governantes. Apareciam também em locais destinados aos cultos religiosos.

O ouro, o lápis-lazúli e a cornalina eram enterrados por baixo dos templos da Mesopotâmia, como oferenda. A igreja católica, ainda hoje usa cálices de ouro. Os machados de jade polido, do período do Neolítico, encontrados na Europa, deviam ser símbolos de poder e eram enterrados com os seus donos.

O desenvolvimento das sociedades, fez crescer a procura de sinais exteriores de riqueza e poder, o que incentivou o desenvolvimento do comércio e contribuiu para o avanço das tecnologias e da arte.

## OS RITUAIS

Em Israel e no sudoeste da França, foram encontradas, sepulturas de homens do Neanderthal, com vestígios de rituais, datariam de 50.000 a.C. Havia lugares próprios para uso religioso, rituais de oferendas, sacrifícios e objectos religiosos. Acredita-se que as pinturas rupestres tinham a ver com magia, relacionada com a caça e a fertilidade das manadas.

Um templo, talvez o primeiro e de estrutura muito simples, foi encontrado em Jericó, possivelmente de 11.000 a.C.—crê-se ser um templo de caçadores-recolectores. De 3.500 a.C., são os primeiros vestígios, de um templo grandioso, onde já existiam sacerdotes. Certos aspectos naturais eram considerados sagrados, como poços e lagos. O sacrifício humano era considerado, a mais elevada oferenda a um deus. Alguns governantes eram acompanhados até ao outro mundo pelos seus servos. No sul do Egipto, um dos primeiros governantes, estava rodeado pelas sepulturas dos seus 338 servidores.

As representações permitem identificar, o tipo de divindade ou culto com elas relacionadas. A figura feminina, Çatal Huyuk, estava com certeza ligada à fertilidade. No Santuário Celta em Sources de La Seine, uma colecção de objectos de madeira representando, órgãos humanos, leva-nos à conclusão de que serviriam para pedir a cura para doenças relacionadas com esses órgãos. Todos os cultos estavam relacionados com o medo do desconhecido, das doenças e dos desastres naturais.

## ORIGENS HUMANAS

### OS ANTEPASSADOS DOS SERES HUMANOS

Temos a mesma constituição base e genética semelhante aos grandes símios vivos, por isso, diz-se que tivemos, há vários milhões de anos, um antepassado comum. Homens e macacos são conhecidos no seu conjunto, por homínídeos. Os primeiros foram encontrados em África e as diferenças eram muito acentuadas.

A descoberta mais antiga, pertence a um grupo do género *Proconsul*, não possuíam nenhuma das características dos homínídeos (esmalte dos dentes mais espesso e capacidade de andar sobre os nós dos dedos). A primeira espécie com estas capacidades, foram os *Kenyapithecus* (grupo que combina o macaco grande e o humano). Os mais antigos fósseis de homínídeos, encontrados fora do continente africano, foram os *Ramapithecus* e os *Sivapithecus*—com cerca de 11 a 13 milhões de anos.

Acreditava-se que nos *ramapithecus* se teria dado a separação, mas a teoria do «relógio molecular», diz que a separação só se teria dado, à 5 ou 6 milhões de anos. Investigações viriam mais tarde a provar que os *ramapithecus* não foram os primeiros homínídeos, mas que serão aparentados com os orangotangos.

Infelizmente não existem fósseis relevantes do período em que se terá dado a separação (5 a 8 m. a.) É provável que tenha vivido em habitats, nos bosques ou savanas dos trópicos de África, tamanho médio, andava nas quatro patas, por vezes nas duas posteriores, corpo coberto de pêlos, rosto pequeno, olhos muito afastados, nariz arrebitado e achatado e mandíbulas fortes. Por ter sido um grupo muito pequeno que viveu pouco tempo, é muito difícil encontrar espécimes

Há 4 m. a., as características que permitem distinguir entre humanos e macacos, já existiam em África. As modificações nas ancas e nos pés, davam-lhes a capacidade de se manterem erectos e de caminhar sobre duas pernas (bipedismo). O tamanho do cérebro, aumentou e a mandíbula passou a ser curva sem caninos salientes. As mudanças, necessárias para se chegar ao esqueleto moderno foram mínimas. A evolução a nível de inteligência, foram abissais, foi esse facto que realmente levou à separação entre homens e animais.

### OS PRIMEIROS HOMINÍDEOS EM ÁFRICA

A evolução humana teve por base a deslocação na posição erecta. Em África—1978—descobriu-se em Laetolil, norte da Tanzânia, pegadas com contornos de pés humanos, que foram datados de há pelo menos 4 milhões de anos. Eram cerca de trinta pegadas, de dois adultos e de uma criança. Os adultos teriam, entre o 1,1 e 1,4 metros de altura e cerca de 27 kg.

Só existiam fragmentos de esqueletos até se ter encontrado—LUCY—EM Hadar- região de Afar—na Etópia. O esqueleto está praticamente inteiro e tem cerca de 3,4 m. a.

Lucy era uma mulher adulta, pequena mas robusta, adaptada à marcha erecta, mas com algumas características dos macacos. Foi catalogada no grupo dos hominídeos, conhecidos como australopithecus. Estes existiram em África há cerca de 4 a 1,7 m.a.

Devido às características do crânio e dos dentes, reconhecem-se quatro espécies diferentes de hominídeos:

--Australopithecus afarensis-com cerca de 4 a 3,2 m.a. a.C.—do qual Lucy faz parte

--Australopithecus africanus-com cerca de 3 a 2 m.a. a.C.—rosto mais robusto e saliente, dentes molares maiores.

--Australopithecus robustus-com cerca de 2 a 1 m.a. a.C.—perfil côncavo, mandíbulas volumosas, testa saliente, cérebro maior.

--Australopithecus boisei-com cerca de 2,7 a 1,7m.a. a.C.—uma espécie igualmente robusta.

Estas quatro espécies são aparentadas. O primeiro HOMO, de cerca de 2,5 m.a. a.C., foi descoberto em Olduvai, na Tanzânia, era o HOMO HABILIS—cérebro maior, crânio arredondado e rosto já muito humano.

Em Nariokotome, no Quênia, descobriu-se o esqueleto de um rapaz de 12 anos, com cerca de 1,7m.a., cujas diferenças, com um rapaz dos nossos dias são muito ligeiras.

## OS PRIMEIROS CAÇADORES-RECOLECTORES

Uma das grandes características dos humanos, é a capacidade de fabricar utensílios. Há cerca de 2,5m.a., apareceram os primeiros utensílios de pedra, que marcam o arranque cultural. Os mais antigos foram encontrados em Hadar- Etiópia e têm cerca de 2,5m.a..Os que foram encontrados em Olduvai eram de basalto, lava, quartzo e quartzito-são de uma época mais recente.

Os primeiros humanos, aproveitavam a carne de animais mortos por outros animais carnívoros. Mas há cerca de 1,5m.a., com o aparecimento do homem erectus, os utensílios sofreram mudanças. Desenvolveu-se a indústria acheulense—machados bífacos e machadinhas. Há indícios que levam a crer que o homem deixou de ser necrófago, para se tornar caçador activo, contudo as plantas continuaram a ser um dos seus principais alimentos

Em Kalambo Falls, descobriu-se , vestígios da utilização da madeira, no fabrico de moccas e de paus para escavar. Não se sabe ao certo quando é que começaram a utilizar o fogo, mas Chesowanja, há sinais de uso de fogo com mais de 1m.a.

## O IMPACTO DO CLIMA

O clima sofreu mudanças radicais, ao longo dos últimos 16 milhões de anos. A Idade do Gelo (período do Plistocénico), começou há cerca de 2 milhões de anos. Ficou caracterizado por fases muito frias e outras mais quentes. A influência do clima, deixou as suas marcas, na paisagem, nas plantas e nos animais. Em épocas diferentes, a Grã-Bretanha foi o habitat de alguns animais que agora estão associados a África e ao Ártico.

Os núcleos oceânicos, mostram as mudanças climáticas de uma maneira mais eficaz, do que as terrestres, os leitos dos oceanos não sofrem tanta erosão.

Cada período glaciário teve um impacto diferente, tudo dependia da extensão do gelo para sul, do tempo que durava e do efeito que tinha sobre a paisagem, as plantas e os animais. As alterações tiveram efeitos mais acentuados nas latitudes meridionais e setentrionais, mas também se fizeram sentir nos trópicos.

Os vastos lençóis de gelo, cavaram vales profundos, formaram depósitos de argila, penedos e alteraram os cursos dos rios. A quantidade de água derretida e da chuva, ditavam a porção de terra disponível, para alimentar os animais e deixar viver as plantas necessárias, à alimentação do homem da pré-história.

Na Europa, podia ir-se a pé, de França a Inglaterra. Na Ásia oriental, o Japão e Java estavam ligados ao continente. A Sibéria e o Alasca, estavam unidos, onde hoje se situa o Estreito de Bering.

O homem pré-histórico, foi o animal que melhor se adaptou às mudanças climáticas, pois muitas foram as espécies que se extinguíram.

## OS PRIMEIROS HOMINÍDEOS NA ÁSIA ORIENTAL

O vestuário, o uso do fogo e a construção de abrigos, permitiram aos hominídeos espalharem-se por quase todo o mundo. Os primeiros povoadores da Ásia oriental, usavam utensílios de pedra de formato irregular, utilizavam o bambu e o rotim, para fazer os seus equipamentos. O fogo servia para se aquecerem e para cozinhar, foram encontrados vestígios de fogo em quase todos os locais do Paleolítico Inferior.

As primeiras provas de humanos na Ásia Oriental, provêm de duas regiões:  
--Yuanmou-1,7 milhões de anos.  
--Sangiran em Java-1,3 milhões de anos.

Em ambos existiam vestígios do Homo Erectus, imensos utensílios de pedra, fogo, ossos de animais e restos de plantas, associados a grutas calcárias.

A gruta mais conhecida é Zhoukoudian, onde se pode encontrar um depósito arqueológico com mais de 50 metros de espessura, dividido em 11 camadas que abrangem, o período de 450.000 a 350.000 a.C.

Muitas das áreas povoadas pelos primeiros humanos estão agora debaixo do mar da China Meridional, onde outrora, haviam ricas planícies costeiras.

Na zona tropical, na Tailândia, descobriu-se recentemente três locais, que se pensa terem cerca de 600.000 anos. No Vietname, em Lang son, descobriu-se, em grutas, vestígios do homo erectus. Mais a norte, na Coreia, fez-se uma descoberta do mesmo período.

Os primeiros humanos modernos da Ásia Oriental, foram encontrados em Java e na China. Em Zhoukoudian, os povos apresentavam um progresso significativo em relação aos outros do mesmo período. Tinham utensílios de pedra mais aperfeiçoados, sepulturas, ornamentos (por exemplo, dentes de animais perfurados). Viviam da caça e da recolha de produtos da natureza. Já havia divisão de tarefas.

Foi desta região, que se deu o salto para a última grande expansão humana--- Austrália e Américas.

## OS PRIMEIROS HOMINÍDEOS NA EUROPA

Vieram de África há cerca de 1 milhão de anos, aqui iniciaram a fase do Paleolítico Inferior, que vai durar até ao Paleolítico Médio, há 200.000 anos.

O clima na europa, alteravav entre fases quentes e fases muito frias, o baixamento do nível do mar, permitiu que os humanos se expandissem. A falta de fósseis desta altura, não nos permite ter certezas. Sabemos que viviam da caça e da recolha de alimentos, deslocavam-se sanzonalmente, utilizavam utensílios de pedra (bífaces) e alguns de madeira, tinham fogo e usavam vestuário devido às fases frias do clima.

Em França, na Checoslováquia e na Jugoslávia, foram encontrados utensílios, feitos de calhaus percutidos, que indica uma ocupação anterior a 700.000 a.C. Por toda a europa, junto a rios e a lagos, encontraram-se vestígios e fósseis humanos, que datam de uma época, entre 700.000 e 400.000 a.C, Um dos mais conhecidos, é a mandíbula de Mauer, com dentes muito grandes mas sem queixo saliente. Será erectus ou sapiens? Os cientistas ainda não chegaram a um consenso.

No sul da França, no sítio costeiro de Terra Amata, descobriu-se uma série de cabanas simples de madeira, uma pegada humana e fezes fossilizadas, que continham pólen e parasitas intestinais. Há imensas provas de caça de animais de grande porte assim como do uso do fogo.

Entre 400.000 a 120.000 a.C., apareceu um novo método de trabalhar a pedra, técnica do núcleo preparado, trabalhavam a pedra para lhe dar a forma que queriam.No

último período interglaciário (120.000 anos), os humanos da Europa, apresentavam muitas das características físicas, que na fase seguinte se tornariam mais evidentes.

## OS HOMENS DO NEANDERTHAL

Ficou a ser conhecida pela fase dos homens das cavernas, existiram há cerca de 120.000 anos e viveram na Eurásia ocidental, até há cerca de 35.000 anos. Tinham um esqueleto forte e pesado, face muito desenvolvida, nariz grande e largo, dentes grandes, o tamanho do cérebro é semelhante ao do homem moderno, enterravam os mortos e praticavam rituais.

Viviam desde os desertos do Médio Oriente, até à região fria do centro da Europa, caçavam animais de grande porte, em locais que não houvesse madeira, devido ao clima, usavam os ossos desses animais para fazer fogo ou armações para as tendas.

Faziam utensílios de pedra Musterienses (lascas, pontas e raspadores) e também a partir da técnica Micoquense—bífices lanceolados e muito bem trabalhados.

Têm sido considerados primitivos e brutos, mas são eles que mais se assemelham ao homem moderno. Na sepultura de um velho, em Shanidar, no Iraque, foram descobertas, restos de flores. Em vida este homem não tinha um braço, era cego de um olho e as feridas que tinha nas pernas, tornavam-lhe o andar muito difícil.

Mais para Oriente, na sepultura de uma criança encontrou-se uma enorme quantidade de chifres de íbex.

Há pouco tempo no Sudoeste da França, encontraram-se vestígios que revelam que os homens do Neanderthal, eram muito idênticos, às primeiras populações modernas: robustos, adaptados a uma vida em condições severas, mas mostrando sinais de humanidade moderna, no enterro dos seus mortos e na organização social.

## OS PRIMEIROS HUMANOS MODERNOS

Foi no continente africano, no Paleolítico Médio, há cerca de 100.000 anos, que apareceu o grupo do Homo Sapiens Sapiens. A evolução foi enorme, retiravam à pedra lasca por lasca, apareceram as pontas triangulares, lâminas de lados paralelos que podiam ser montados em ossos ou cabos de madeira. Muitos destes utensílios de materiais combinados, foram encontrados no Sara, vestígios de uma época em que esta região ainda era agradável.

Na foz do rio Klasies e em Hava Fleah, na costa da Líbia, os enormes depósitos de conchas, prova que os recursos marinhos, já eram utilizados. Em algumas cavernas da África Austral, há indícios que provam, que secavam a carne e que a armazenavam. Praticavam a agricultura e controlavam o fogo.

Habitaram em vastas regiões de África, inclusive nas florestas tropicais. Os utensílios eram fabricados consoante as necessidades.

O Paleolítico Médio, dá-nos as primeiras provas do lado artístico do homem, o ocre, deveria ser utilizado para pintar o corpo. Na Namíbia, na gruta Apolo 11, encontraram-se quatro pinturas rupestres.

## O POVOAMENTO DA AUSTRÁLIA

Povos vindos da Ásia por duas vias prováveis—da China Meridional, para a Nova Guiné, passando pelas Filipinas e—vindos do Sudoeste asiático para o norte da Austrália, passando pelas ilhas da Indonésia.

Ambas as rotas, obrigavam a atravessar pelo menos 60 km de mar, para isso, seriam necessárias embarcações. A Nova Guiné e a Tasmânia, só se separaram da Austrália há cerca de 100.000 anos, os únicos que conseguiram atravessar o mar, foram o homem, o dingo e a ratazana.

Nas rotas de migração para a Austrália, são escassos os vestígios. No lago Mungo, agora seco, foram encontradas, sepulturas de corpos cremados, moluscos de água-doce, peixes e pequenos marsupiais. Em Keilor, encontraram-se crânios. Em ambos os locais os ossos pertencem ao Homo Sapiens Sapiens.

O primeiro povoamento deve ter acontecido na altura do baixamento do mar, 50.000 ou 60.000 anos. Os primeiros grupos instalam-se nas zonas costeiras e ao longo de grandes rios, com a subida do nível das águas (10.000), são obrigados a fugir para o interior, onde o homem tem de se adaptar ao clima desértico. É por esta altura que surge outra variedade de tipos humanos, com um crânio pesado e robusto, que podem ter sido resultantes de uma vaga, posterior de imigrantes ou o resultado, de uniões entre os grupos locais, que eram uma comunidade pequena e isolada.

## O POVOAMENTO DAS AMÉRICAS

Os actuais índios norte-americanos, descendem de povos asiáticos que chegaram à América do norte através do Estreito de Bering, durante uma baixa do nível do mar, provocada pela glaciação. Atravessaram uma ponte terrestre conhecida por Beríngia, que ligava a Sibéria ao Alasca. Há no entanto uma grande controvérsia, sobre a altura em que o novo mundo foi povoado pela primeira vez.

No Alasca e em Yukon, locais que deveriam ter sido povoados primeiro, quase nada foi encontrado. Os indícios mais antigos dessa região, foram descobertos na gruta Bluefish, na cordilheira Keele, com 12.000 e 15.000 anos. Microlâminas lascadas, que seriam colocadas, na ponta dos ossos e que serviriam como lanças, pertenciam a uma

técnica que teve origem na Sibéria, ao ser encontrada no noroeste americano, prova que a migração foi de ocidente para oriente, através da Beríngia.

Os caçadores da Beríngia ficaram isolados pelos gelos que cobriram a maior parte do Canadá, durante a última glaciação.

Na América do norte, os sinais, tornam-se abundantes depois do desaparecimento do gelo, há 11.500 anos, é por essa altura que aparece a tradição Covis. Sítios no Missouri, Idaho e Oregon, têm vestígios de há cerca de 13.000 ou 14.000 anos. A datação por radiocarbono, permitiu datar uma ponta de madeira, usada para matar uma tartaruga gigante, em Little Salt Spring, na Flórida, que revelou ter 12.000 anos. Em Meadwocroft, na Pensilvânia, há vestígios com cerca de 16.000 anos. Na América do sul, há artefactos anteriores aos da América do norte, na gruta de Fell, na Patagónia, de 12.000 a.C.. No Perú, Argentina e Colômbia há vestígios de 14.000 a.C..

O povoamento de Monte Verde, mostra que havia um profundo conhecimento da zona (13.000 a.C.), o que não seria possível, numa primeira vaga de colonos. Cinco pedras lascadas e uma possível lareira, descobertas por debaixo da povoação principal de Monte Verde, datados de 33.000 a.C., são a prova deste facto.

No nordeste do Brasil, em Pedra Furada, a datação de carbono, indicam que o seu povoamento terá ocorrido, em 32.000 a.C., foi encontrada uma lareira rodeada de utensílios de lascas, seixos e pedaços de rocha pintada que teriam caído das paredes do abrigo.

Mas para isto ser possível, os primeiros a chegarem à América do norte, teriam de o ter feito, há pelo menos 40.000 ou 45.000 anos, as provas que existem dos primeiros habitantes só têm a data de 15.000 a.C., o que deixa perceber que ainda faltam descobrir algumas peças, do puzzle, do povoamento das américas.

## OS CAÇADORES-RECOLECTORES EUROPEUS

Na Europa aparecem os primeiros humanos anatómicamente modernos, que evoluíram em África, há 100.000 anos e que vieram para a Europa, há 35.000.

É o Paleolítico Superior, entre 35.000 e 12.000 anos. Neste período, há vestígios de estruturas sociais complexas, objectos de arte: estatuetas de Vénus, pinturas rupestres e ornamentos pessoais. Houve rápidas evoluções nas técnicas, como a de extrair lascas por pressão, que permitia fabricar utensílios mais perfeitos- propulsores de lanças- arcos-redes de pesca-anzóis, etc. Os raspadores e buris, serviam para trabalhar os ossos e as armações de veados.

Com a última glaciação, os objectos mudam, são cada vez mais pequenos (microlíticos) e passam a ser feitos de materiais que resistem melhor ao frio.

Algumas povoações têm grandes cabanas e tendas, em algumas encontraram-se sítios próprios de armazenamento. Se tudo corria bem, podiam viver da carne armazenada, senão iam à procura das manadas, mas a maior parte do grupo ficava no acampamento de apoio. Os vários grupos existentes encontram-se e efectuam-se trocas comerciais.

A arte tinha um papel importante nos rituais religiosos ligados à caça, fertilidade e iniciação dos jovens. A decoração de objectos pequenos, começou a ser usada por toda a Europa, a arte rupestre foi mais divulgada no sudoeste da França e no norte de Espanha. Usavam corantes naturais, como o ocre, a partir dele conseguiam fabricar: vermelho, castanho e amarelo, com os óxidos de manganês, faziam o preto e o violeta.

Pintavam sobretudo animais, muito poucas figuras humanas. Faziam objectos de barro, esculturas, gravações em ossos e pequenas placas de pedra.

A Vénus, de seios e nádegas enormes deveria ser, a figura da deusa-mãe. A arte rupestre, estaria provavelmente ligada a rituais, que pediam a fertilidade das manadas, sucesso na caça e à iniciação dos jovens.

## AS PRIMEIRAS CIDADES E ESTADOS

### AS PRIMEIRAS CIVILIZAÇÕES

No sul da Mesopotâmia, por volta de 3.500 a.C., apareceu a primeira civilização urbana e alfabetizada. Uns séculos mais tarde, sem ter nada a ver com a primeira, aparecem mais três, em tudo idênticas, à primeira: no Egito---3.200 a.C.; no vale do Indo---2.500 a.C. e no norte da China---1.800 a.C..

As suas cidades, túmulos, templos e documentos escritos, permitem-nos saber muito sobre os motivos que ocasionaram, não só o seu aparecimento, como o seu desenvolvimento e muitas vezes o declínio.

Todas estas civilizações, se encontravam, numa planície aluvial fértil, uma parte da população vivia nas cidades, governadas como estados independentes.

No Egito e no vale do Indo, as cheias anuais do Nilo e do Indo, permitiam cultivar, depois do recuo das águas e ter sempre boas colheitas.

Na Mesopotâmia e na China Chang, tiveram de se construir canais de irrigação.

As grandes colheitas agrícolas, destas quatro regiões, permitiram-lhes um grande desenvolvimento. As cidades eram habitadas por milhares ou dezenas de milhares. No Egito, o poder pertencia ao rei, na China, também havia um chefe, com vários estados vassallos, na Mesopotâmia cada cidade era independente, daí estarem sempre em guerra pelo poder.

Apareceram ocupações especializadas, como por exemplo, os escribas. A maior parte dos excedentes estavam na mão dos governantes, a riqueza e a procura de artigos de luxo, deu origem ao desenvolvimento da arte e da indústria.

## MESOPOTÂMIA---AS PRIMEIRAS CIDADES

O seu aparecimento, deu-se no sul da Mesopotâmia- no 4º milénio a.C.—no período do Uruk tardio. Deveu-se ao aumento da população, mudanças radicais na sociedade, política, religião e cultura.

Cada cidade, tinha um deus protector, o templo principal era majestoso e nele habitavam uma grande quantidade de sacerdotes. O templo era dono de grande parte dos terrenos e do gado. Na Mesopotâmia, os canais de irrigação, permitiam a prática da agricultura, os produtos eram: cevada, gergelim e cebolas. Criavam: carneiros, cabras, porcos e gado bovino. Fabricavam produtos a partir do leite e da lã, assim como cerveja.

Os artesãos, recebiam em troca do seu trabalho, produtos sob a forma de rações. O templo dominava a cidade, o espaço sagrado, em geral quadrangular (temenos), ficava no sítio mais elevado, as habitações num plano inferior, ruas estreitas, conduziam até aos portões da muralha exterior.

As contas do templo, deram origem às primeiras tabuínhas, pictográficas—3.100 a.C., que se foram desenvolvendo, até darem origem à escrita silábica—as obras mais antigas da literatura Suméria—Abu Salabikh, datam de 2.500 a.C. Mas só os escribas possuíam a arte da escrita, que aprendiam na escola do templo.

Sabemos que existiram reis, os seus nomes apareceram num documento chamado « Lista dos reis Sumérios». Os conflitos entre as cidades-estados, eram frequentes, por vezes uniam-se para obterem o domínio de certas áreas.

## UR—UMA CIDADE SUMÉRIA

Por volta de 4.500 a.C., era uma pequena povoação, nas terras baixas e pantanosas do sul do Iraque, alguns séculos depois sofreu inundações, que a Bíblia e as lendas mesopotâmicas, chamaram—Dilúvio. Ur, recuperou e alargou o seu espaço, no 3º milénio, tornou-se a capital do Império.

Os objectos encontrados, nos túmulos dos reis, feitos de materiais caros e originários de regiões longínquas, demonstra que o comércio estava desenvolvido.

O auge político de Ur, deu-se no reinado de Ur-Nammu—2.100 a.C., nesta época a cidade foi reconstruída e alargada, às muralhas, foi dedicado um maior cuidado.

A Zigurate, que era uma forma característica dos mesopotamos, também mereceu atenção. A Zigurate era composta por uma série de terraços, que formavam uma pirâmide, decorada com arcobotantes, recantos, mosaicos e árvores, cada uma, era encimada pelo templo da divindade local. Em Ur, era Nana, o deus da Lua.

A cidade, tinha 60 hectares murados, a população deve ter ultrapassado os 20.000. Para lá das muradas ficavam os campos de cultivo que abasteciam Ur.

Nos túmulos reais, foram encontrados: instrumentos musicais (arpas e liras), feitos em madeira embutida. As damas da corte, usavam penteados elaborados, jóias de ouro, prata e pedras semipreciosas e cosméticos.

Por volta de 1.000 a.C., Ur, só era importante devido aos seus templos e santuários, no séc. IV a.C., foi completamente abandonada.

## O EGÍPTO—A ÉPOCA DAS PIRÂMIDES

Vale estreito, ladeado por extensos desertos, onde o rio Nilo, com as suas cheias periódicas, fazia a diferença. Quando as águas recuavam, as terras ficavam muito férteis. Os desertos eram a melhor fronteira natural, sólida e segura.

No fim da última glaciação, a população já existente no local aumentou, no 6º milénio cultivavam, trigo e cevada, criavam-se carneiros e cabras. A partir de 4.000 a.C., houve um enorme salto, quer a nível populacional, como industrial e tecnológico. As primeiras cidades muradas, apareceram em Naqada e Hieracompolis—3.300 a.C. Quando todas as cidades se uniram, a capital era Mênfis.

Era um reino, teocrático, governado por um rei divino, acreditavam na vida para além da morte, por isso, construíam túmulos muito elaborados. Os dos plebeus, eram decorados, com murais, representando cenas do quotidiano, como por exemplo: a produção de alimentos, o cultivo da terra, o pastoreio, a colheita, etc., que magicamente, forneceriam alimentos ao defunto.

Por volta de 2.650 a.C., surgiu um novo tipo de túmulo real, as pirâmides, a 1ª, tinha 62 m de altura, nunca em todo o mundo se tinha visto uma construção deste tamanho. Na 4ª dinastia, desenvolveu-se a verdadeira pirâmide, a partir da forma em degraus. As maiores de todas foram construídas em Quéopos, Gizé—2.540 a.C., com 147 m de altura, era constituída por 2,3 milhões de blocos, que em média pesavam 2,5 toneladas, cada um.

Deve ter sido construída entre Julho e Outubro, altura das cheias do Nilo, quando todos os que se ocupavam da agricultura, estavam desocupados.

O Egípto, estava dividido em províncias, cada uma delas administrada, por um governador, estes foram-se tornando mais autónomos, o poder real, entrou em declínio. Por volta de 2.150 a.C., houve um período de cheias fracas, que trouxeram ao Egípto pelo menos, meio século de fome, a consequência foi a queda dos valores e da velha ordem. Um século depois, restaurou-se o poder central e começou uma nova era de estabilidade.

## CIDADES DO INDO

Conhecem-se pelo menos uma centena de povoações, do período do Indo Maduro, muitas já cercadas por muralhas de barro cozido. Em Harappa e Mohenjo-Daro, as maiores, tinham cerca de 60 hectares.

Tinham um câmoreo ou cidadela, no local mais elevado e uma área residencial, bastante extensa. Parece ter havido, locais religiosos, de cerimónias ou administrativos, mas não se encontraram palácios.

Em Mohenjo-Daro, havia: oficinas de oleiros, tintureiros, artesãos de metais e de conchas. Encontraram-se modelos de carros de bois e de navios.

As casas, tinham várias salas que se abriam, para um pátio aberto, escadas que levavam ao andar superior ou ao telhado plano, tinham casas-de-banho e esgotos, os pobres habitavam em casas de uma única divisão.

Não se sabe quase nada da sociedade, política e religião das cidades do Indo. A escrita era usada em inscrições em pequenos objectos.

Por volta de 200 a.C., esta civilização chegou ao fim. A mudança do leito do rio, as epidemias, as inundações e as invasões, devem ter sido algumas das causas deste desaparecimento.

## AS CIDADES PALACIANAS DO PRÓXIMO ORIENTE

Material arquitectónico e de arquivo, com muita importância, foi encontrado em Ebla e Mari—2.400 a 1.750 a.. No centro de cada uma destas cidades havia um palácio e templos, rodeados de casas particulares. Eram protegidas por muralhas de tijolos ou terra batida.

Em Ebla a base da muralha tinha 50 m de largura e 20 m de altura, a cidade ocupava uma extensão de 50 hectares. Mari, tinha 100 hectares. Nestas duas cidades, descobriram-se cerca de 16.000 e 17.500, documentos, respectivamente. A maior parte das tabuinhas de Ebla, eram sobre a administração do palácio, do estado, o controlo do comércio e a cobrança de impostos.

Tinham alcançado um nível elevado no trabalho de metais, pedra e marfim.

## A CRETA MINÓICA

Creta era uma ilha montanhosa e muito arborizada, foi colonizada pela primeira vez, por volta de 6.000 a.C. Foi-se desenvolvendo ao mesmo tempo que a população, foi aumentando.

O palácio de Cnossos, foi construído, por volta de 2.000 a.C., nos trezentos anos que se seguiram foram construídos os palácios de: Festo, Mallia e Zakro. Estes eram usados como casas reais, centros de cerimónia e ritual e centros económicos. No período minóico, apareceram muitas cidades, em Creta e á volta de cada um dos palácios.

Os cretenses eram ótimos artesãos, a cerâmica estava muito desenvolvida, já se usava a roda de oleiro, os objectos tinham a espessura de uma casca de ovo, as decorações eram soberbas e eram muito procurados em todo o Mediterrâneo Oriental.

Não tinham templos públicos, adoravam uma série de deuses. Os santuários particulares serviam para adorar a deusa-serpente, a divindade protectora do lar.

O machado duplo sagrado, era um símbolo sagrado, assim como o palácio de Minos—ambos pertencentes á mitologia grega. Por volta de 1.450 a.C., a Creta Minóica, por motivos que ainda não estão bem esclarecidos, sofreu vários desastres, só o palácio de Cnossos, não foi destruído, mas em 1.370 a.C., também este devido a um enorme incêndio acabou por ser arrasado.

## A GRÉCIA MICÉNICA

No fim do 2º milénio a.C., o Mediterrâneo Oriental, era uma zona de conflitos, devido á rivalidade entre as cidades-estados, umas mais antigas e outras mais modernas.

A Epopeia de Homero-800 a.C., narra muitas das lendas micénicas , uma delas conta que durante a guerra de Tróia, Micenas era a casa de Agamémnon, senhor supremo de toda a Grécia. Os micenenses eram retratados como heróis de guerra, mercadores e marinheiros audazes.

A Grécia Micénica era composta por uma série de pequenos reinos, cada um deles centrado, num palácio ou numa cidadela. No centro de cada palácio, havia um Megaron-um grande salão, no meio do qual havia uma lareira circular, o telhado apoiava-se em quatro colunas de madeira. Era aqui que se reuniam, o governante e a sua corte.

A enorme muralha defensiva de Micenas revela a importância da guerra na Grécia. Para os carros de guerra poderem circular, criou-se uma extensa rede de estradas. Os navios foram muito importantes, militarmente. Por volta de 1.250 a.C., as defesas da cidade foram alargadas e construiu-se o monumental Portão do Leão.

Devido a conflitos internos e possivelmente a invasões exteriores, todas as cidades Micénicas foram abandonadas, nos finais do séc. XII a.C.

## A CHINA CHANG

Os Chang (dinastia de reis), formaram um estado poderoso que sobreviveu, até ao séc. XI a.C., no nordeste da China.

Em 3.000 a.C., as diferenças entre as sepulturas dos pobres e dos ricos, era tão grande, que nos mostra tratar-se de uma sociedade hierarquizada. Entre 2.500 e 1.800 a.C., construíram-se povoações muradas, desenvolveram a metalurgia e a cerâmica, feita na roda. A capital, mudou várias vezes de lugar, ou era em Chang-Chou ou em Anyang, estes dois locais são os mais importantes, do ponto de vista arqueológico da China Chang.

Os cemitérios eram em torno das cidades e em Anyang, foram encontrados, os túmulos dos últimos imperadores. Apesar dos assaltos, os sinais são de uma enorme riqueza. Uma das sepulturas mais modestas, de uma rainha Chang, tinha os corpos sacrificados de 16 humanos, 6 cães, mais de 440 objectos de bronze, 590 de jade, 560 de osso e cerca de 7.000 caurins.

Os sacrifícios eram vulgares nas sepulturas dos ricos, em Xibeigang, foram encontrados 165 corpos sacrificados, julga-se que pertenciam a prisioneiros de guerra.

Havia um culto de veneração dos antepassados, que eram consultados por meio dos ossos do oráculo. As perguntas e respostas eram escritas no osso, o que nos deu acesso a inúmeros relatos sobre esta época.

A procura de artigos de luxo, por parte da aristocracia levou ao desenvolvimento das indústrias tradicionais da China.

No fim da dinastia Chang, séc, XI a.C., as tradições culturais da China ,já estavam estabelecidas e permaneceram intactas.

## IMPÉRIOS DO VELHO MUNDO

### O IMPÉRIO ASSÍRIO

O declínio do Egípto e dos Hititas, no final do 2º milénio, deixaram uma enorme variedade de cidades-estados, já formadas, no Próximo Oriente. Nos 500 anos seguintes, apareceu o reino de Israel, as cidades mercantis fenícias cresceram e nasce o poderoso reino de Urartu, nas montanhas da Arménia.

O Império da Assíria, surge no norte da Mesopotâmia e consegue unir o Próximo Oriente. Teve três capitais: Nimrud—Khorsabad e Niníve. Eram todas elas grandiosas, dominadas por uma cidadela, onde se podiam encontrar, templos e palácios, mais abaixo a população.

Ligado à cidadela, ficava um palácio-arsenal (onde se guardava, material militar e espólios de pilhagens feitas em campanhas no estrangeiro). Os palácios estavam decorados com cenas de vitórias militares assíria, nos relevos palacianos, podiam ver-se vários tipos de infantaria, lanceiros armados com cotas de malha e grandes escudos, os cavaleiros não tinham selas nem estribos, mas quer eles, quer os cavalos estavam

cobertos com armaduras. Os carros de guerra levavam: o condutor, o porta escudos e os archeiros. Eram puxados por dois ou três cavalos.

Foi esta destreza na guerra, que lhes permitiu unir o Próximo Oriente. O reino estava dividido, num sistema de províncias, cada uma tinha o seu governador. O reino de Israel, resistiu durante algum tempo, mas no fim do séc. VIIIa.C., foi absorvido.

O reino de Urartu, foi o único a escapar das malhas do império, do qual foi sempre uma rival rica e sofisticada.

No séc.VIIa.C., os inimigos da Assíria, uniram-se e derrubaram-no, Niníve e Nimrud foram saqueadas e destruídas.

## O PRIMEIRO IMPÉRIO PERSA

O Império Aqueménida da pérsia, nasceu em meados do séc. Via.C. e foi o maior de todos. Sabe-se muito pouco sobre a vida das pessoas vulgares, a investigação concentrou-se nos grandes edificios públicos. Só os palácios de Persépolis, Pasárgada e Susa form objecto de grandes escavações.

Susa, foi construído num local, onde já tinha existido uma cidade, os outros dois não. As inscrições revelam que povos de várias partes do império, fizeram estas construções, o que explica a variedade de estilos arquitectónicos.

Alguns relevos de Persépolis, mostram delegações de 23 povos diferentes, trazendo oferendas e tributos.

Era um império muito vasto, o que tornava necessário, uma boa rede de acessos. Alguns escritores gregos, falam da Estrada Real de Sardis, com estações de correio e estalagens oficiais. Há pouco tempo foi encontrado um saco de couro que continha correspondência entre Aesan ((governador do Egipto), que se encontrava na corte de Susa ou da Babilónia e os seus oficiais, que estavam no Egipto, a data destes documentos é de 410 a.C. e estão escritos em aramaico, a língua oficial dos aqueménidas.

## A GRÉCIA CLÁSSICA

A estrutura política e económica da Grécia Micénica, quase que desapareceram (XII a.C.), mas em 900 a.C., o reatamento do comércio com a Itália e o Levante, alterou essa situação.

As montanhas dividiam o país em várias bacias férteis, em cada uma formou-se um pequeno estado. Quando a riqueza e segurança aumentaram, foram construídos alguns edificios que seriam o orgulho grego. O templo principal, grandioso e feito de materiais requintados. O ginásio, revela a importância que os gregos davam à boa forma física. O teatro e o Odeão, serviam para a arte de representar, espectáculos musicais e poesia.

Os tribunais e as câmaras, eram os sítios onde se discutiam e regulamentavam, questões privadas e públicas. Na Ágora ou praça pública faziam-se as transações comerciais.

Com o aumento das populações, eram necessárias quantidades cada vez maiores de alimentos, que eram importados, para pagar esses produtos de primeira necessidade e outros eram cada vez, fabricados em maior número.

Fundaram-se uma vasta rede de olónias, desde o Mediterrâneo Ocidental até às costas orientais do Mar Negro, cuja principal actividade era o comércio, as que foram criadas posteriormente, serviriam para aliviar os excessos populacionais. O acesso ao mar era muito importante, por isso todas as colónias, se fixavam na costa ou perto dela.

Nos outros impérios os edificios mais importantes eram os palácios, na Grécia os de mais relevo eram os de natureza comunitária, como os templos, teatros, etc.

## ATENAS—UMA CIDADE-ESTADO GREGA

No séc. V a.C., era o centro cultural e intelectual, do mundo grego clássico. A sua acrópole, foi construída num sítio íngreme e fortificado, a partir de 432 a.C., foi dominada pelo Pártenon, que foi construído para substituir o templo de Atena, destruído pelos persas em 480 a.C.. Era de mármore e foi o palco das maiores celebrações religiosas que tinham lugar de quatro em quatro anos.

No teatro de Dionísio foram representadas peças dos dramaturgos atenienses, como Sófocles e Aristófanes.

As casas particulares eram pequenas e irregulares, o chão era de terra e no centro havia um pátio. As casas de campo eram maiores. As ruas eram estreitas e sinuosas não eram pavimentadas.

Atenas, foi um dos pioneiros na cunhagem de moedas, para obter o metal necessário, explorou as minas de prata de Laurium.

Apesar de ter sido derrotada por Esparta em 404 a.C., Atenas manteve muito do seu prestígio. No séc. III a.C., foi saqueada e perdeu grande parte do seu prestígio que só viria a recuperar no séc. XIX.

## O HELENISMO NA ÁSIA

A fundação de novas cidades de colonos, serviam para manter o controlo militar e político, em territórios recentemente conquistados. Estas cidades, adoptaram uma disposição em quadrícula.

A arte helenística, tinha como base, a Grécia clássica, mas introduziu algumas mudanças. As estátuas tornaram-se mais reais. O sarcófago de Alexandre é notável, como exemplo das esculturas helenísticas.

Os monarcas encorajavam o estudo, diz-se que a biblioteca de Pérgamo tinha cerca de 20.000 obras.

Conheceram progressos impressionantes no campo da engenharia, manufactura e comércio.

## A EUROPA CÉLTICA

Os vestígios ligados à cultura céltica, só apareceram por volta de 800 a.C., no sul da Alemanha e nos Alpes Orientais.

No 1º milénio a.C. foi introduzido na Europa, a metalurgia do ferro, os primeiros trabalhos (espadas), foram encontrados no cemitério de Hallstatt, na Áustria, é também aqui que se encontram provas do aparecimento de uma nova aristocracia e de maiores diferenças sociais.

O comércio com as recém fundadas colónias gregas, deu lucros que contribuíram para o desenvolvimento de um importante centro céltico e de uma fortaleza em Mont Lassois, no leste da França.

No séc. Va.C. o centro de riqueza, saiu de Hallstatt e foi mais para norte, para a Alemanha Ocidental, Hunsruck-Eifel. Aparece um novo estilo artístico-o estilo céltico La Tène. A partir de 400 a.C., dá-se uma diminuição da riqueza- «Idade das Trevas», que dura até 250 a.C. , altura em que ocorreram as invasões célticas. Saquearam Roma em 390 a.C. e Delfos em 272 a.C.

Nos últimos três séculos a.C., a Europa céltica, desenvolveu a cunhagem de moeda, os estados progrediram, apareceram grandes povoações—as oppidas, que eram fortificadas. Os eíficios eram de madeira—casa, oficinas, armazéns, celeiros. As casas da elite eram cercadas por paliçadas.

Só a Irlanda e o norte da Escócia, estavam fora dos limites do Império romano, o que as tornou no núcleo, portador da cultura celta pura até ao início da Idade Média.

## A ASCENSÃO DE ROMA

Os etruscos eram povos originários da Toscana. Por volta de 800<sup>a</sup>.C., fundam cidades no centro da Itália. Eram conhecidos pelos seus trabalhos em metal, pelas suas belas pinturas murais e peças de cerâmica. As suas cidades usavam a disposição em quadrícula. Utilizavam o alfabeto grego.

Roma era uma pequena aldeia, à medida que o poder dos etruscos diminuía o de Roma aumentava, por volta de 250 a.C. já controlava toda a Itália.

No séc. III a.C., o uso do betão, revolucionou a engenharia romana, construiu-se a Muralha Serviana em volta da cidade, assim como estradas e aquedutos.

A potência marítima da altura era Cartágo e logicamente que a expansão romana criou conflitos, as Guerras Púnicas, que visavam o controlo do Mediterrâneo, duraram mais de um século. Aos poucos Roma apoderou-se de fortes cartagineses, invade a Península Ibérica e o norte de África, até que por fim em 146 a.C., conquista Cartago.

Roma expande-se e rapidamente o Mediterrâneo se torna um lago romano.

## O IMPÉRIO ROMANO

No seu auge—séc. II a.C., tinha uma extensão de 4.000 km—no sentido leste-oeste e de 3.700 km no sentido norte-sul. A sua população era de cerca de 50-60 milhões. A base do império, era o exército com aproximadamente—300.000 soldados, que guardavam os limites do território.

A agricultura era a principal fonte de riqueza assim como o comércio. O império romano estava dividido em duas partes:

- a oriental, onde o grego era a língua principal,
- a ocidental, a latina.

Estas duas partes começaram a separar-se no séc. III a.C. No séc. V, o controlo de Roma no ocidente acabou, o oriental continuou com capital em Constantinopla.

## ROMA—UMA CIDADE IMPERIAL

O uso do betão, surpreendeu o mundo. Augusto dizia, que Roma era uma cidade de tijolo quando lá chegou e de mármore quando a deixou.

O Arco Triunfal, os balneários, o teatro, o anfiteatro e o circo, eram grandes projectos de edifícios públicos. Constantino, o Grande, que por pouco tempo conseguiu juntar as duas partes do império, encerrou a era de Roma, quando fundou em Constantinopla a sua «nova roma»--330 d.C.

Mas também foi este imperador que trouxe a Roma a sua era mais esplendorosa ao construir monumentos grandiosos, como o arco com o seu nome e várias igrejas.

## POMPEIA—UMA CIDADE ROMANA

Pompeia, Herculano e Stabias, são tesouros arqueológicos, pois ao serem destruídas pela erupção do Monte Vesúvio—em 24 de Agosto de 79 d.C., ficaram conservadas tal e qual como eram, foram inclusive descobertos corpos de pessoas que iam a fugir, é um cápsula de tempo.

Em Pompeia, uma cidade de importância secundária, o poder político estava nas mãos dos romanos, mas tudo o resto, pouco tinha mudado, os edifícios públicos, como o teatro, os balneários a Basílica e o templo de Júpiter, eram de estilo grego.

O seu estudo permitiu-nos conhecer com mais pormenores a vida das pessoas vulgares.

## O MUNDO GERMÂNICO

Para além dos limites setentrionais, do mundo celta e romano, a Europa germânica de 500 a.C. a 650 d.C., era uma região de pequenas aldeias, que aos poucos se foram transformando em estados. Descobertas em pântanos da Dinamarca e do norte da Alemanha, de navios de madeira, utensílios, armas e corpos sacrificados, fazem desta região, a mais interessante da Europa deste período.

O habitante típico, era camponês e vivia numa pequena aldeia ou quinta. A agricultura e a indústria, desenvolveram-se com a introdução do ferro, que em III—IV d.C., era já produzido em grande escala na Boémia e no sul da Polónia.

Os achados mais conhecidos são os de cadáveres, cuja pele, vestuário e feições foram conservados pelas águas dos pântanos. Em Tollund na Dinamarca, um corpo encontrado, ainda tinha um nó corrediço à volta do pescoço, os seus dedos mostram que nunca tinha trabalhado com as mãos.

A partir de III d.C., surgiram pequenos reinos que se expandiram, através do mar colonizaram uma grande parte da Grã-bretanha.

## OS NÓMADAS DAS ESTEPES

Prados que se estendem da Manchúria, no oriente até à Rússia europeia no ocidente. As zonas mais temperadas do Vale de Dnieper, já eram habitadas no 5º milénio a.C. No 2º, apareceram economias nómadas, muito dependentes do cavalo.

Documentos escritos por gregos, persas e chineses, dizem que as sociedades das estepes eram hierarquizadas, com chefes guerreiros e membros de tribos, a guerra era uma das suas características, lutavam a cavalo, tinham arcos e flechas, espadas e lanças compridas. Eram guerreiros que todos temiam.

Os povos da China, Índia e da Europa, sofreram uma série de invasões destes guerreiros. Os Hunos deixaram um rasto de destruição e morte, os Mongóis foram os que se seguiram, também eles ferozes e violentos.

## OS ESTADOS DO MAR VERMELHO

Enriqueceram devido a terem conseguido controlar o comércio terrestre, que se fazia através de caravanas, entre o sul da Arábia e o Mediterrâneo Oriental.

Entre estes estados estavam os «reinos do incenso»--Sabá—Qataban, na Arábia,- Axum na Etiópia e Nabateia a nordeste do Mar Vermelho. Eram estados de poucos recursos naturais, que tinham no comércio a sua principal fonte de receitas. Em VIII d.C., o controlo comercial do Mar Vermelho, passou para o domínio de marinheiros islâmicos. Os produtos mais procurados eram o ólibano, a mirra eo incenso.

## A PÉRSIA IMPRIAL

As dinastias—Partas (240 a.C.-226 d.C.) e—Sassânidas (226 d.C.-642 d.C.), ambas iraquianas, levaram ao renascimento Persa.

Grandes palácios Partas, foram encontrados no Ocidente da Pérsia e na Mesopotâmia. A arquitectura helenística, deu lugar ao Iwan indígena—um salão cilíndrico com tecto abobado aberto para um pátio e que servia como local de recepções. Estes eram sempre construídos aos pares.

Os Partas com a sua cavalaria armada, lutaram com sucesso contra os romanos, mas os conflitos internos e uma crise económica, levou a que os Sassânidas os derrotassem.

Os Sassânidas tinham hierarquia—o rei dos reis em primeiro lugar, a seguir, nobres, sacerdotes, guerreiros, burocratas e camponeses. O Zoroastrianismo, religião com um só Deus (monoteísta), fundada pelo profeta Zorastro, era a religião do estado. Eram descendentes dos Aqueménidas, por isso, realçavam os valores persas.

Eram principalmente agricultores.

Primeiro foram derrotados pelos romanos, por fim o reino ficou sob o controlo do Islão. No Califado de Abássida, a cultura sassânida, ainda continua viva.

## A ÍNDIA BUDISTA

A colonização do Ganges Médio e Inferior, começou no 2º milénio a.C.. Era uma zona de densas florestas e solos aluviais, os instrumentos de ferro, permitem a limpeza e cultivo do solo.

O arroz foi a maior cultura desta zona. Em 600 a.C., havia 16 pequenos estados, protegidas por muralhas feitas de barro. O Império Maurya, absorve todas as cidades, o Nepal e grande parte do Decão.

A capital era Pataliputra, rodeada por uma muralha com cerca de 14 km, ao longo do Ganges. Para unificar, as etnias e cultura, o imperador Asoka, cria um código moral, que manda difundir por todo o reino, em forma de decretos, que continham alguns princípios budistas.

As relações comerciais levam ao desenvolvimento de cidades e de estados, no sul da Índia e em Ceilão. No fim do 1º milénio a.C., o budismo era a religião mais importante, os primeiros templos foram fundados em Anuradhapura.

## A CHINA CHOU

Seguiu-se à dinastia Chang no séc XI a.C. No séc. V, surgiram sete reinos importantes que, durante cerca de 250 anos, lutaram entre si pelo poder político e militar. A organização do período Chou, era feudal. A capital passou a ser em Luoyang.

No séc. VIII, as lutas continuavam e o império Chou dividiu-se. Este período, está também caracterizado, por várias invenções e mudanças.

Começam a utilizar o ferro, inventaram a besta. As populações dentro das muralhas crescem. Para defesa, vários estados construíram muralhas, nas suas fronteiras. Quando a China foi unificada, em 221 a.C., o 1º Imperador—Shih Huang-ti, aproveitou parte dessas muralhas para fazer a Grande Muralha da China, que com mais de 1.000 milhas de comprimento, continuou a ser um símbolo do poder chinês.

## A CHINA HAN

A época dos sete estados beligerantes, culminou na unificação da China, na dinastia Chin, mas uma rebelião marca a queda desta dinastia, à qual se seguiu a dinastia Han. Esta esteve dividida em: período Han Antigo—206 a.C.-2 d.C. com capital em Chang`an e o Han Tardio—25-220 d.C., com capital em Luoyang.

A elite era rica, como se pode ver nas sepulturas, onde foram encontrados objectos de ouro, bronze, jade, seda e madeira lacada. Acreditavam que a vida continuava exactamente igual, depois da morte, por isso faziam modelos em argila, de quintas, carroças, barcos e até dos criados.

Encontraram-se documentos escritos em seda, tiras de bambu e papel (inventado no séc. I a.C.), sobre temas religiosos (confucionismo e taoísmo), mas também sobre assuntos militares e administrativos.

Haviam, 49 fundições estatais do ferro, com esse material melhoraram os instrumentos agrícolas, construíram diques e canais, uns para evitar inundações outros para irrigar os campos, um dos canais tinha 125 km e ligava o rio Amarelo à capital.

O seu principal produto de exportação era a seda.

A capital, pouco tinha de cidade, dois terços do espaço interior das muralhas, eram ocupados por edifícios do palácio, no restante espaço, haviam dois mercados e casas. Fora das muralhas, havia parques, zonas de caça e casas.

No período Han Tardio, as indústrias e monopólios do estado, passaram para as mãos de particulares. A partir de meados do séc II d.C., as lutas pelo poder entre membros da corte, as revoltas nas zonas rurais, devido à pobreza e pressão, levou ao fim da dinastia Han.

## A COREIA E O JAPÃO

Em 108 a.C. o nordeste da Coreia, foi colonizado pela dinastia Han, que tanto na Coreia como na Manchúria, criaram centros de controlo militar.

Na Coreia já se fabricavam objectos de bronze, com características muito próprias, punhais, espelhos decorados com incisões e acessórios para os cavalos. Estes utensílios apareciam em grandes quantidades nos túmulos, o que deveria indicar a posição social.

As sepulturas eram de dois tipos: uma em forma de mesa—no norte, a outra eram grandes lajes de pedra, colocadas sobre eixos redondos—no sul.

Devido ao clima também haviam diferenças na agricultura, no norte cultivava-se o painço e a soja, no sul era o arroz.

No 1º milénio, no ocidente do Japão, apareceu uma nova cultura—os Yayoi, que cultivavam o arroz. Nos trabalhos do campo usavam facas de pedra—as ishobocho, enxadas e pás de madeira. O bronze só era utilizado em armas e sinos cerimoniais—os Dotaku.

Foram fundados quatro estados—Koguryo, no isolamento montanhoso do norte da Coreia—Paekche e Shilla, no sul—Yamato, no Japão. Relatos escritos dão conta de muitos chefes menores e muitas guerras internas. O centro do reino de Yamato era a região do Kinai, onde foram encontrados túmulos, em forma de buraco de fechadura, dos primeiros imperadores e que chegavam a ter uma área de 32 hectares. O budismo chegou ao Japão, através da Coreia no séc. VI d.C.

## O SUDOESTE ASIÁTICO

A influência da China e da Índia, foram muito importantes nesta zona. Os seus habitantes, eram pré-históricos, só no primeiro milénio, apareceram as primeiras povoações urbanas, no Vietname. Os vestígios são muito poucos. Os sítios proto-históricos, eram urbanos, mas pouco povoados, eram protegidos por uma muralha ou por um fosso.

O sudoeste asiático, adoptou muitas das características indianas, como a realeza, a lei, religiões, estilos artísticos e arquitectónicos, o sânscrito e a língua.

Os contactos com a cultura chinesa, tiveram um carácter político e militar. O norte do Vietname foi anexado pela China.

Em Java, encontrou-se uns monumentos de pedra, no Planalto de Dieng, mas ainda não se conseguiu perceber a sua utilidade.

## O POVOAMENTO DA POLINÉSIA

Em 1000 d.C., os polinésios, já tinham colonizado todas as grandes ilhas, num vasto segmento triangular, do oceano Pacífico, que ia desde a Nova Zelândia até à ilha da Páscoa, incluindo as ilhas do Havai. Foram os maiores navegadores da história da humanidade.

Os polinésios partilham uma herança genética e linguística com os povos da Indonésia central e ocidental, das Filipinas e das populações Melanésias do Pacífico ocidental. As influências posteriores, viriam das ilhas orientais do sudoeste asiático.

Por volta de 1.500 a.C., a chamada cultura lapita, espalhou-se pelo Pacífico, depois de se terem fixado em Samora e Tonga, perceberam que ainda havia uma enorme extensão de terras despovoadas, a oriente.

As canoas parcialmente cobertas, levavam os homens, mulheres, crianças e gado. Os seus descendentes eram diferentes quer na cultura, língua e até na aparência física, devido às ligações com outros povos e as adaptações que tiveram de sofrer, consoante os climas a que se tinham de adaptar e que eram dos mais diversos.

## A ÁFRICA DA IDADE DO FERRO

O 1º milénio a.C., foi o período de uma nova época em África. O uso do ferro que coincide com o aparecimento de sociedades mais hierarquizadas.

A idade do ferro, seguiu-se ao Paleolítico Superior, sem ter havido uma idade do cobre ou do bronze, só no Vale do Nilo, Níger e Mauritânia, se encontraram vestígios de cobre. Os mil anos que se seguiram, lançaram as bases da África histórica. Nos prados da Savana a sul do Sara, apareceram povoações mais sofisticadas que são o princípio dos primeiros grandes reinos da África Ocidental.

No leste as mudanças sociais, geraram o aparecimento de grupos de elite, que levaram à construção de centros monumentais, como o Grande Zimbabwe.

## O NOVO MUNDO

### AS PRIMEIRAS CIVILIZAÇÕES—OS ANDES

A história das culturas existentes, nos Andes centrais e meridionais, entre 1.000 a.C. e 650 d.C., é complexa e pouco conhecida. Uma coisa se sabe, alguns aspectos destas culturas, surgem em todas as civilizações posteriores.

O período do Horizonte Primitivo-1.200 a 200 a.C., foi dominado pela cultura Chavin (a mais antiga dos Andes). Em Chavin de Huantar, foi encontrado um enorme templo, cuja plataforma de pedra estava repleta de salas e passagens, nessas salas escondiam os objectos de culto, como a Grande Imagem, uma divindade com 4,5 m de altura, dentes caninos salientes, boca assustadora e cabelos serpenteantes.

Em 200 a.C., nalguns vales, desenvolveram-se culturas diferentes, entre si. Por esta altura também nasceram duas civilizações importantes—Nazca e Moche. A 1ª na costa meridional do Perú, mantêm as tradições da região nos têxteis e na cerâmica. A 2ª na costa setentrional peruana, nos vales Moche e Chicama, alargam os seus territórios

através de conquistas militares. Constroem centros urbanos e religiosos impressionantes. Um desses foi a Pirâmide do Sol—uma estrutura de adobe com 350 m de comprimento e 40 de altura. Os artesãos-ourives, fizeram dos mais refinados trabalhos em ouro.

Entre 500 e 1.000 d.C., surgiram dois impérios que dominaram, grande parte dos Andes centrais, meridionais e zonas costeiras. A relação entre eles, foi o estilo artístico o que nos leva a crer que tinham a mesma religião. As obras públicas eram feitas pelos habitantes das diversas zonas, sob a forma de tributo.

## A AMÉRICA CENTRAL

As cidades cresceram, Monte Albán em Oaxaca, tinha 16.000 habitantes em 200 a.C., eram governados por grupos de elite.

A cultura olmeca é a mais famosa, teve origem nas selvas tropicais e húmidas das regiões costeiras de Vera Cruz e Tabasco. Esculpiam a pedra, as suas divindades era um panteão de seres sobrenaturais e medonhos, semi-humanos, semi-animais, o mais representado era um homem-jaguar, que segundo um relevo em Potrero Nuevo, era filho de uma mulher e um jaguar. A influência dos olmecas fez-se sentir, no Monte Albán, no Vale Oaxaca, onde os zapotecas, se tinham desenvolvido.

## TEOTIHUACÁN—UMA METRÓPOLE AMERICANA

Em 500 d.C., esta era a sexta maior cidade, do mundo, com 200.000 habitantes. Era o centro de um império que abrangia 25.000 km quadrados, da região central do México e que dominava a América.

Estava sobre uma gruta natural, mais tarde coberta pela Pirâmide do Sol, era um local de importância cósmica para os seus primeiros habitantes, acreditavam que era o local de nascimento do Sol e da Lua. Por isso era alvo de peregrinações.

Dentro da cidade encontraram-se centenas de templos e havia altares em todas as zonas residenciais, com vasos de cerâmica para queimar incenso, assim como estatuetas de divindades.

A população sobrevivia com o cultivo dos campos do vale e dos solos muito férteis das margens pantanosas, do vizinho Lago Texcoco. O sal era extraído das águas desse lago, havia argila e pedreiras. Conforme se foram expandindo, dominaram outras matérias-primas. A sua influência é visível, na distante terra dos Maias. A cidade foi destruída pelo fogo, mas manteve uma grande parte da sua população e do seu significado mitológico.

## OS MAIAS

Foi sem dúvida nenhuma a civilização mais enigmática, da época pré-colombiana. Foram os únicos verdadeiramente alfabetizados das américas. Mas apesar

dos progressos alcançados, as suas inscrições com hieroglíficos, continuam sem serem decifrados, só se percebem os números e as datas.

No meio das cidades maias, estava o centro cerimonial—praças rodeadas de pirâmides de pedra, encimadas por templos e palácios.

Existiram três períodos—Pré-clássico, Tardio e Proto-clássico. Durante o séc. IX, a civilização Maia das terras baixas meridionais do Iucatão entrou em declínio, talvez devido ao colapso da agricultura, conflitos internos ou invasões estrangeiras.

Ao mesmo tempo, nas terras baixas do norte, cresciam cidades—a maior de todas—Chichén Itzá—onde se sentia uma grande influência mexicana, também esta foi abandonada, o mesmo fim teve—Mayapán. A partir de 1.517, só pequenas cidades sobreviveram. Todas estas cidades não tinham muralhas defensivas, o que nos leva a crer que era um povo pacífico, o que não impedia que houvesse sempre conflitos entre as várias cidades para conseguirem tributos e prisioneiros para os sacrifícios.

Os Maias criaram o primeiro sistema de escrita da América pré-colombiana, distinguiram-se na observação astronómica e nos cálculos de calendário. O seu interesse pelo conceito de tempo, devia-se a razões astrológicas, acreditavam que se devia escolher dias que fossem propícios para as diversas actividades. Os artistas maias eram especialistas no entalhe da pedra e da madeira, na pintura mural e nos moldes em estuque. Na cerâmica, as peças eram frágeis e pintadas com cenas épicas do mundo dos mortos. O jade era o seu material mais precioso.

Os Maias por tudo o que alcançaram foram sem margem de dúvidas a maior civilização do Novo Mundo.

## OS IMPÉRIOS DOS ANDES

Os Incas povoaram um vale dos Andes peruanos, cerca de 1.300 d.C., eram uma tribo que em menos de um século, criaram o maior império da época pré-colombiana, a sua capital era Curco

A hierarquia dos Incas, era feita na forma de pirâmide, no topo estava o Sapa Inca, senhor absoluto-político, religioso e militar. A aristocracia eram os conselheiros e governadores das províncias. Os oficiais de postos mais baixos eram representados por um oficial superior, junto ao Sapa Inca. O problema era não haver uma linha bem definida de sucessão ao trono, quando o Sapa Inca não era eficaz o problema piorava.

Fundavam cidades nos territórios conquistados, tinham impostos, um deles era, a cobrança de 66% de toda a produção agrícola.

Os povos hostis, eram obrigados a migrar, os súbditos, eram enviados como substitutos, eram os mitimaes. Não se dava importância à actividade artística, os objectos eram quase uniformes. Não tinham nenhuma forma de escrita, os cálculos de tributos e impostos eram feitos com nós, em cordões—os Quipus. O culto do Deus Sol, era a sua principal religião, acreditavam que o Sapa Inca, era seu descendente.

Em 1.532, Francisco Pizarro, capturou o Sapa Inca. Os ornamentos do templo foram quase todos fundidos.

## OS AGRICULTORES DO AMAZONAS

Foi uma zona, pouco considerada, por ser coberta por densas florestas tropicais. Há muitos vestígios de ocupação paleo-índia, mas poucos foram estudados. Entre 4.000 e 2.000 a.C., os habitantes tornaram-se agricultores, no Brasil e na Venezuela. Depois de 3.000 a.C., apareceram pequenas aldeias dispersas. A introdução do milho, nas regiões de planícies aluviais, no 1º milénio a.C., foi o ponto de viragem. As populações e povoações expandiram-se e tornam-se hierarquizadas.

Santarém no Brasil, foi o centro, dos chefes guerreiros Tapajos, nos séc. XVI e XVII d.C. Os maiores complexos de câmoros, estavam nas zonas de savana—planícies do Amazonas boliviano. Quando os europeus encontraram estas civilizações, descreveram-nas como sociedades ricas, hierarquizadas e bem organizadas.

As doenças com que os europeus os contagiaram, a escravatura e o confisco de terras, fizeram estas sociedades regredirem.

## OS ASTECAS E OS SEUS ANTEPASSADOS

Depois da queda da civilização Maia, vários povos e tribos ocuparam os seus territórios, absorvendo as culturas dos povos conquistados. A última tribo a chegar, foi a dos Astecas, povo nómada que se fixou, na única zona desocupada, uma ilha pantanosa do Lago Texcoco, a sua história é feita de conquistas e reconquistas, até que por fim ocupam as costas do Golfo e do Pacífico, o seu território, estende-se até à Guatemala.

O chefe era um sacerdote-rei, educado juntamente com toda a nobreza, no seminário de elite em Tenochtitlán. Era eleito entre os membros da família real, por um conselho de nobres, sacerdotes e guerreiros—o povo escolhido.

Eram um povo militarista, que visavam a conquista de territórios e a cobrança de tributos. O maior dos tributos eram seres humanos, destinados ao sacrifício, que tinha lugar na capital, em honra do Deus Sol (Huitzilopochtli). Quando o Grande Templo foi aumentado, foram sacrificados 20.000 prisioneiros.

Os artesãos eram exímios na escultura da pedra e do entalhe.

Dois anos depois da chegada dos espanhóis—1.519, chefiados por Hernan Cortéz, as doenças exóticas, os nativos descontentes e os próprios invasores, puseram fim ao império Asteca.

## OS AGRICULTORES DO «PUEBLO» DO SUDOESTE.

Em 700 d.C.—no sudoeste da América do norte, surgem três culturas importantes—a Hohokam—a Mogollon—e a Anasazi.

A mais antiga de todas a Hohokam, ocupava as terras desérticas do sul do Arizona e do norte de Sonora. A sua cultura foi bastante influenciada pela mexicana.

No Novo México e no leste do Arizona, desenvolve-se a cultura Mogollon, que depois de um período de secas e de invasões dos nómadas Atabascas, viram a sua cultura ser assimilada pelo Pueblo Ocidental.

O terceiro grupo pré-histórico foi o dos Anasazi, nas terras do actual Arizona, Novo México, Utah e Colorado, em Mesa Verde e Chaco Canyon, construíram povoações guardadas por torres de vigia que acabariam por ser abandonadas.

Os índios dos Pueblos Pecos e Hopi são descendentes dos Anasazi; os índios de Pima e de Papago descendem dos Hohokam; os de Pueblo de Zuni conservam elementos da cultura Mogollon.

### TEMPLOS—ATERROS DO MISSISSÍPI

No vale do Mississípi, em 700 d.C., apareceram as primeiras cidades, tinham características próprias, como por exemplo, aterros rectangulares com topos achatados, encimados por templos e casas mortuárias das classes mais ricas. No meio da cidade, chegavam a haver 20 morros. A cidade era o centro administrativo e cerimonial. Nos vales circundantes da cidade, viviam as populações rurais,

Os exploradores franceses que no séc. XVI, chegaram a esta região, dizem que eram sociedades hierarquizadas, a sucessão ao trono era feita através do lado materno, o chefe governava com plenos poderes e havia quatro classes sociais bem definidas.

Os mortos eram sepultados em liteiras de madeira nas casasmortuárias, quando só restavam ossos, é que eram sepultados, por vezes os servidores eram mortos para acompanhar o amo.

Sobre a religião, pouco se sabe, ficou conhecida como culto Sulista, os quatro pontos cardeais tinham muita importância e davam um grande ênfase à morte.

As doenças, levadas pelos europeus, para as quais os nativos não tinham anti.corpos, os que morreram de forma violenta e os que fugiram, fizeram com que as cidades da América do norte acabassem por desaparecer.

### OZETTE—UMA ALDEIA DE CAÇADORES

Os antigos habitantes, eram caçadores de baleias, partiam da Baía de Ozette, em pirogas com onze metros. Uma baleia fornecia à aldeia- carne, óleo e ossos a partir dos quais fabricavam os utensílios. Os lobos marinhos eram capturados mais facilmente, a sua rota migratória, passava pelas costas da aldeia, por vezes apanhavam doze, num só dia.

Secavam os peixes e recolhiam moluscos. Caçavam aves e colhiam bagas selvagens. A floresta fornecia-lhes a matéria-prima necessária, para fabricarem os seus utensílios. Este local foi destruído por avalanches de lama, que teve a particularidade de conservar a maior parte das coisas em muito bom estado. Chegou-se ao ponto de se ter descoberto uma tijela que ainda cheirava a peixe.

Este achado deveu-se a fortes ondas que escavaram a costa de Washington em Fevereiro de 1970.

## AS PRIMEIRAS COLÓNIAS EUROPEIAS

Os viquingues do norte da Europa, colonizaram e exploraram as costas do Labrador e da Terra Nova, em 1.000 d.C., mas por serem grupos muito pequenos, acabaram por desaparecer. Europeus e americanos desenvolviam as suas culturas sem saberem uns dos outros.

A chegada de Cristóvão Colombo às Caraíbas em 1.492, foi o começo da invasão do continente americano. Os espanhóis reclamaram as terras como sendo suas, apesar de serem habitadas.

Em 1.519 um exército de colonos desembarcaram em Vera Cruz, dois anos depois derrubam o império Asteca e ocupam a sua capital, um grupo de 180 colonos põem fim ao império Inca, em 1.542 cerca de dois milhões de quilómetros quadrados, estavam sob o controlo dos europeus.

Os nativos morriam, sobretudo devido às doenças levadas pelos europeus, a população invasora aumentava cada vez mais. Escravos africanos eram levados em grandes quantidades, para trabalhar, nos novos territórios, em que espanhóis, portugueses e ingleses, fundaram um número enorme de cidades. A população de origem europeia na América ultrapassava o milhão.

## A CAMINHO DO MUNDO MODERNO

### O IMPÉRIO BIZANTINO

Constantinopla passa a chamar-se Bizâncio e torna-se na capital do antigo Império Romano do Oriente, em 11 de Maio de 330, por ordem de Constantino, o Grande.

Bizâncio lutou contra árabes e eslavos. A partir do séc. VIII, o estado tornou-se exército, as províncias eram os regimentos—thematas. A partir do séc. X o recrutamento era cada vez maior, para poderem enfrentar os turcos seljúcidas e os cruzados. As fortalezas thematas transformaram-se em castelos. A capital não tinha meios próprios de subsistência, nem rede de estradas, atavés das quais se pudessem realizar as trocas comerciais, só se utilizavam animais de carga e mulheres que levavam as cargas à cabeça.

O exército e o aparelho burocrático, eram pagos com a sólida moeda de ouro bizantina, que provinha dos impostos sobre as terras. Construíram inúmeras basílicas, igrejas e conventos, mas permaneceram isolados e impenetráveis, no que tocou, às novas tecnologias e culturas.

## O MUNDO ISLÂMICO

Uma das maiores religiões monoteístas do mundo, teve origem em Meca- 610 d.C. Em 622 o profeta Maomé e alguns seguidores mudam-se para Medina, aqui começa a era maometana. A religião rapidamente se espalha por todo o mundo.

Todas as cidades islâmicas tinham a sua mesquita, mas estas nunca foram iguais, tinham um átrio e um salão de orações coberto com um mirhab. Um nicho na parede indicava a direcção de Meca. Todas as mesquitas tinham um minarete ou torre, da qual se faz a chamada para a oração. A mesquita mais impressionante é a de Omar em Jerusalém.

O comércio foi muito importante para o desenvolvimento do mundo islâmico, os árabes dominaram as rotas comerciais terrestres e marítimas, estas últimas em barcos de um só mastro e vela latina. No séc. X o poder político foi-se fragmentando, até que os chefes só o continuaram a ser da religião, que apesar de tudo continuou a ser difundida.

## O MUNDO VIQUINGUE

Durante o séc. IX dominaram o Nordeste da Europa, eram essencialmente agricultores. Só o filho mais velho herdava a terra, os mais novos tornavam-se guerreiros, mercadores ou artesãos.

Nos séc. VIII e IX o comércio cresceu consideravelmente, devido a isso criaram empórios ou centros internacionais de comércio e manufactura. Os viquingues eram uma potência marítima—os barcos compridos, com calado baixo, eram rápidos e fáceis de manejar, não precisavam de águas profundas, nem de velas. As suas viagens nem sempre, tinham como objectivo as pilhagens, já que eles colonizaram territórios distantes, como por exemplo a Terra Nova.

Eram pagãos. Os mais ricos eram atirados ao mar num navio em chamas, aos mais pobres, em volta da sepultura faziam com pedras o desenho de um barco. Quando o cristianismo apareceu, ainda coexistiu durante algum tempo com o paganismo.

Em X d.C., a Dinamarca era um reino uno, com autoridade real cristã. Os senhores feudais eram os donos das terras. Apesar de terem sido notáveis pelas suas pilhagens e invasões, no séc. XI, retiraram-se para a periferia da cristandade feudal.

## A CRISTANDADE MEDIEVAL

A Europa Ocidental-séc. XI e XII, renasce com uma nova identidade cultural, que ainda hoje vive nos grandiosos edifícios religiosos, igrejas, catedrais e mosteiros. A política, economia e a religião eram inseparáveis.

Apesar das guerras e rivalidades políticas entre reinos, a Europa Ocidental, foi unida pela religião. Os peregrinos cristãos, facilitavam a troca de ideias e culturas. O renascimento do comércio, deu-se primeiro no Mediterrâneo, Veneza e Génova na Itália, eram os principais entrepostos comerciais.

Os produtos exóticos que se comerciavam eram em pouca quantidade mas de alto valor. Governantes, reis, condes, bispos ou abades fundavam cidades, mercados e feiras para controlar o comércio, cobrar impostos e portagens. A moeda era cunhada com mais regularidade o que facilitava as transações comerciais.

À medida que as populações foram aumentando, deslocaram-se para as zonas rurais, até aí desabitadas, como foi o caso da Floresta Negra. No séc. XIV a peste negra matou um terço da população, mas a economia continuou a prosperar.

## O YORKSHIRE FEUDAL

A Inglaterra medieval era um país agrícola. Depois da conquista normanda, o senhoros e os seus feudos, ficaram mais importantes, foram construídos sólidos castelos de pedra ou casas senhoriais com defesas.

Na aldeia medieval, as casas tinham cercas individuais, eram construídas em torno de uma rua principal, em geral havia uma igreja e uma casa senhorial.

Grandes campos eram divididos em faixas e cultivados, 1/8 de milha de faixas, constituíam um Furlong—unidade básica da rotação das culturas. O número de cidades aumentou, funcionavam como centros políticos, administrativos e mercados para os excedentes agrícolas.

No séc. XIV o clima mudou para mais frio e húmido. Muitas das terras até aí cultivadas, deixaram de ser apropriadas para esse fim, nelas tornou-se mais rentável a criação de carneiros. Muitas aldeias foram abandonadas, facto que foi mais acelerado devido à peste negra.

No séc. XV, a importância do comércio de lanifícios e a pastorícia, aumentou. Os grandes espaços foram divididos entre os proprietários e camponeses mais ricos, que ao vedarem as suas terras, originam mudanças no aspecto e distribuição das povoações.

## A ÁFRICA OCIDENTAL

A partir do séc. XIII d.C., os estados e centros urbanos, desenvolveram-se. Os contactos comerciais foram a base, a exploração de matérias-primas e a agricultura completavam a riqueza desses estados.

Ao sul da savana, surgiram novos estados, o ouro de Akan, a cola, o marfim e os escravos, permitiam-lhes florescer. Benim foi um dos reinos mais impressionantes da

floresta do sul da Nigéria. A construção de mesquitas nos principais reinos da savana, indica a propagação da religião islâmica.

Apesar do contacto com europeus (portugueses), como na Feitoria construída em Elmina—1482, poucos se converteram à religião cristã e nunca deixaram que interferissem nos seus assuntos internos, só aquando do colonialismo europeu e do começo da actividade missionária, é que estes factos se alteraram—séc. XIX.

No Norte nada se alterou, algumas das cidades dos primeiros impérios, como por exemplo, Kano, continuaram a prosperar até aos nossos dias sem praticamente interferências nenhuma.

## A ÁFRICA ORIENTAL

Ficou marcada por haver um desenvolvimento diferente, de zona para zona, pode no entanto ser dividida em: zonas costeiras e zonas do interior. Embora ambas estivessem interligadas comercialmente.

A cidade mercantil mais antiga e próspera era Manda. Em muitas partes, a criação de animais—gado bovino—era muito importante. Os portugueses chegaram a Sofala em 1497, fundaram fortalezas, descobriram o ouro do Zimbabwe e do Zambeze. As povoações costeiras entraram em declínio, no interior surgiram novos estados independentes com novos parceiros comerciais—os portugueses.

## A ÍNDIA MERIDIONAL E O CEILÃO

Por volta do séc. III o budismo, era a religião da Índia, com o apoio real do império Maurya, no sul, onde o poder político não era muito forte, a religião tradicional pré-budista começou a ganhar terreno.

As inscrições nos templos dedicados aos patronos reais e aos seus feitos, tornaram-se símbolos do seu poder. A rivalidade entre dinastias, estão patentes nos diversos estilos dos templos. As propriedades rurais, pertenciam aos templos, os que nelas trabalhavam não possuíam bens.

Na zona rural os templos tornaram-se o centro social e económico, funcionavam como escolas e bancos.

O Ceilão é também dominado por edifícios religiosos grandiosos, em homenagem a Buda e aos reis. O mais antigo edifício foi a Stupa, um cômodo hemisférico e sólido, por vezes todo de tijolo, onde se guardavam relíquias ligadas ao budismo, em plataformas elevadas havia alojamentos, santuários, stupas, salas de refeição e cozinhas.

Tanto o hinduísmo como o budismo, têm aspectos semelhantes, como por exemplo: crença na reencarnação, ambas investem bastante na morte e na construção de monumentos religiosos imponentes e duradouros.

## OS IMPÉRIOS ISLÂMICOS

O império otomano desenvolveu um complexo sistema de governo, o seu sucesso militar deveu-se ao uso de armas de fogo. O centro do governo era o palácio imperial de Topkapi Saray, em Istambul, um complexo de pátios e pavilhões com vista para o rio Bósforo.

Mas os monumentos mais importantes são as mesquitas, inspiradas na arquitectura bizantina, com grandes cúpulas centrais e interiores arejados, aos quais acrescentaram elegantes miranetes em forma de lápis, decorados com mosaicos. No império Safávida as obras arquitectónicas, são também o seu maior símbolo. Na capital, em Istambul, foi construído um soberbo palácio, a principal mesquita era feita de tijolo e revestida de mosaicos, alguns deles eram curvos para que o encaixe fosse perfeito.

O império mongol foi diferente, a sua arquitectura é uma mistura dos estilos hindus e islâmicos, o edifício mais famoso é o Tajmahal, um mausoléu, construído para a esposa favorita do Xá Djihan. Todo o edifício está revestido por mármore branco, embutido de pedras coloridas que formam padrões florais e abstractos.

## REINOS DO SUDOESTE ASIÁTICO

A hierarquia social, a religião, a arte e a arquitectura da região, baseiam-se bastante na Índia, mas desenvolveram-se em linhas únicas, com características próprias.

O hinduísmo e o budismo eram muitas vezes praticados ao mesmo tempo. A construção de um templo por um rei ou por um oficial importante, trazia prestígio à região. Durante os séculos XIII e XIV, o aparecimento de novos estados, destruiu a estabilidade da maior parte dos antigos reinos.

O reino Khmer de Anngkor que durante mais de 500 anos tinha construído maravilhas tecnológicas e arquitectónicas entrou em declínio como os outros.

## A ÁSIA BUDISTA

O budismo foi fundado há cerca de 2.500 anos no Nordeste da Índia, por Siddhartha Gautama (Buda). O objectivo é alcançar a iluminação total ou nirvana, através de boas acções, disciplina e meditação. Os mosteiros e os monges são parte importante desta religião.

A rota da seda, desde 200 a.C., que se tornou um importante veículo de difusão do budismo, ao longo da sua rota foram criados mosteiros, alguns eram escavados em grutas, nos penhascos da região e decorados com pinturas murais e imagens de buda.

No Tibete o palácio Potala em Lassa, ainda existe, mas muitos outros foram destruídos. O budismo continua a ser uma religião importante no Ceilão (Sri Lanka), na Birmânia, na Tailândia, no Japão e na Coreia.

## A CHINA TANG E SUNG

A dinastia Tang unificou a China, quer esta dinastia quer a Sung que se lhe seguiu atingiram um novo apogeu cultural.

Em Chang'an encontraram-se vestígios do palácio real e três túmulos reais, com ricos objectos e magníficas pinturas murais de cenas da vida na corte. A Oeste desta cidade ficava um grande mosteiro, onde foram potos a descoberto durante escavações, relíquias budistas: têxteis, louça de prata e cerâmica bem conservada.

O período Sung foi mais rico e populoso, mais de 100 milhões de pessoas. As suas práticas fúnebres mudaram, nem mesmo os ricos tinham sepulturas grandiosas. Sobreviveram alguns edifícios, objectos, livros impressos, cerâmicas e quadros.

## A CHINA MING

Foi fundada em 1.368 por um monge budista, que se tornou soldado. Estabeleceu um regime imperial despótico que durou quase 3 séculos. Pequim era a sua capital. A norte de Pequim, no vale dos túmulos Ming, foram descobertos 13 túmulos imperiais, repletos de objectos valiosos, um deles é a coroa Fénix de uma imperatriz.

Em Jianguyin—o túmulo de Xia Quan, 1.348-1.411, um médico, continha uma colecção de instrumentos utilizados em medicina e ainda uma série de textos, que lançaram luz sobre as práticas usadas na medicina do séc XIV.

A pequena parte dos túmulos Ming que já foram escavados dá-nos uma ideia muito clara sobre o esplendor da corte Ming.

## O JAPÃO FEUDAL

Havia um sistema feudal de governo—os Xóguns Kamakura, 1.185-1.333, que operavam paralelamente à corte imperial, localizada na capital-Heian. Os senhores feudais eram rivais, lutaram entre si até que Tokugawa Ieyasu, ter conseguido a paz e a unificação, estabeleceu-se em Edo (actual Tóquio).

O budismo foi adoptado pela corte, em meados do séc.VI. No fim do VIII, monges budistas quase que usurparam o poder e o trono.

Textos sutra- discursos de Buda, foram enterrados em câmaras, durante o período Heian Tardio, pois aproximava-se o apocalipse profetizado por Buda.

Deu-se o desenvolvimento do código do guerreiro ou bushido, ao mesmo tempo. Apareceu o budismo zen e a cerimónia do chá, todas provenientes da China.

## AS ILHAS DA POLINÉSIA

Os antepassados foram os Lapitas, o isolamento, fez com que se desenvolvem-se de formas únicas e fortuitas. A sua estrutura religiosa é chamada de Marae ou Heiau no Havai e Ahu na Ilha da Páscoa. Os primeiros são em geral estruturas ao ar livre.

O Ahu da Ilha da Páscoa, encimado pelas suas enormes estátuas é a mais famosa estrutura deste tipo.

A maior proeza foi estes povos terem conseguido alcançar zonas tão distantes.

## A NOVA ZELÂNDIA MAORI

É a maior das ilhas polinésias, de clima temperado, onde os maori desenvolveram uma cultura diferente da dos seus primos tropicais. Fortificações, arte, canoas de casco único e os tipos de armas.

Foi um desenvolvimento espantoso. Durante a fase clássica a população aumentou, ao mesmo tempo as guerras entre tribos eram cada vez maiores. Construíram fortalezas—pa, com terraços, valas e paliçadas, nos lados dos vulcões extintos.

Os pa foram-se tornando mais numerosos e melhor defendidos, no fim do séc. XVIII, havia casas, celeiros, espaços abertos (marae) e por vezes espaços suficientemente grandes que eram cultivados, tudo isto dentro das defesas.

Os polinésios da ilha do sul e da ilha de Chatham, têm um lugar muito especial na antropologia, foram o único povo que de uma economia agrícola, regrediram e tornaram-se novamente, caçadores-recolectores.

## O MUNDO DO ÁRTICO

Na Lapónia, com o aquecimento da corrente do Golfo, grande parte da costa nunca tem neve, no Inverno, a fauna é variada, mas a variedade de plantas comestíveis é escassa. Os Samoiedos, foram o primeiro povo a deixar vestígios nesta zona, a sua religião era o xamanismo.

Os esquimós acampavam em tendas de couro e dormiam sobre cascalho.

No Alasca há vestígios dos Tule primitivos, que caçavam baleias, usavam trenós puxados por cães e barcos em tudo idênticos aos Kayahs.

Todos estes grupos humanos, foram tremendamente ingénuos na tentativa de se relacionarem com um meio ambiente tão adverso. Mas actualmente verificou-se que estes povos só têm problemas de sobrevivência, quando os tentam introduzir no mundo moderno e lhes tentam tirar as suas actividades tradicionais.

## A CAMINHO DE UMA ECONOMIA MUNDIAL

A partir de 1.490, os europeus, descobrem o resto do mundo e passam a olha-lo na sua totalidade. Em 1.494 o Papa, estabelece uma divisão do mundo com vista á sua exploração e colonização. A leste de uma linha imaginária que atravessava longitudinalmente, o Atlântico, as terras pertenciam a Portugal---a oeste pertenciam a Espanha.

Os ingleses, franceses e holandeses, tentam e em parte conseguem usurpar as terras, descobertas e conquistadas, quer pelos portugueses quer pelos espanhóis.

O comércio e o controlo das rotas comerciais, marítimas e terrestres, foi sempre o principal motivo de todos.

Os perigos das perdas das cargas, estimulou o aparecimento de um sistema bancário, de seguros e comercial, na Europa.

Todos estes factos dão origem, ao início do comércio intercontinental, da economia mundial e do estímulo para um sistema bancário mundial.

## A PRÉ-HISTÓRIA EM PORTUGAL O QUATERNÁRIO- EVOLUÇÃO DO AMBIENTE E PRIMEIROS HABITANTES

O Quaternário é a era das glaciações e do homem. Mas no nosso território, os dados sobre este período são muito escassos.

Supomos que as condições climáticas, seriam idênticas às que hoje encontramos na Escócia ou no sul da Escandinávia

Na gruta de Figueira Brava, Sesimbra, com cerca de 30.000 anos, foram encontrados restos de pinguins e de focas árticas.

Em Esmoriz descobriu-se recentemente, numerosos restos de pinus, datados de 27.000 aproximadamente, que nos leva à conclusão de que existiriam pinhais no litoral.

As areias eólicas que existem na costa a norte de Lisboa, provam que as águas estariam a cerca de 20 km para oeste da actual linha da costa, nesse espaço deveria ter existido uma charneca.

Nas serras da Estrela e do Gerês, as línguas de gelo desciam abaixo dos 1.000 m de altitude, o que revela que o clima era bem mais frio. Mais a norte no interior, a paisagem era composta de desertos de pedras.

As ocupações mais antigas conhecidas no nosso território, são do Acheulense (fabrico de bífaces)-500.000 anos. Os achados concentram-se ao longo do litoral e nos principais vales fluviais do interior.

A matéria-prima mais utilizada, foi o quartzito, em menor escala o quartzo e o sílex.

Não temos hipótese de saber se foi o homem que acumulou os ossos de elefantes, hipopótamos, cavalos e veados, que foram encontrados na jazida da Mealhada.

Até hoje ainda não se encontraram fósseis humanos, em Portugal, do período Acheulense, mas achados feitos noutros países da Europa, indicam que os mais antigos a povoar o nosso país, seriam do tipo Homo Erectus, em fases mais recentes o homem do Neanderthal.

### ACAMPAMENTOS NEANDERTALENSES NO VALE DO TEJO

O Neanderthal caracteriza-se pela existência de raspadores, fabricados sobre lascas. Em Portugal foram encontrados dentes isolados de homens deste período, na gruta Nova da Columbeira e na gruta Da Figueira Brava.

Em Vilas Ruivas, foram descobertas importantes estruturas de habitats, a técnica Levallois (obter lascas a partir da preparação do núcleo), estava bem representada nos utensílios descobertos nesta zona. As estruturas, foram primeiro consideradas, como suportes de cabanas ou de guarda-ventos, mas a sua semelhança com as emboscadas construídas pelos esquimós Nunamiut (para a caça de rebanhos de Caribus), levaram-nos a pensar tratar-se destes últimos. Qualquer que fosse a sua utilização, de uma coisa, se tem a certeza, já se utilizava o fogo.

A Foz do Enxarrique, que está a ser escavada, tem revelado artefactos bem conservados, de quartzito, lascas de talhe e núcleos. Mas o mais importante, foram os restos de fauna, o que é muito raro nas nossas jazidas. A datação de Urânio, revelou uma idade de cerca de 33.000 anos.

Em Portugal o período Moustierense, foi mais prolongado, do que no resto da Europa, o homem do Neanderthal, era o fabricante desta técnica.

### O COMPLEXO DE GRUTAS DO ALMONDA DURANTE A PRÉ-HISTÓRIA

Há cerca de cinquenta anos que estas grutas foram descobertas, altura em que o rio Almonda, nos mostrou uma extensa rede de galerias subterrâneas, com cerca de 8 km.

Na praia dos Bífaces, a 1 km da nascente foram descobertas—lascas, núcleos, bífaces, dentes de cavalo, cabra montês e elefante—com data compreendida entre 130.000 e 190.000 anos.

Na Gruta da Oliveira, por cima da nascente, em menos de 0,2 metros cúbicos de sedimentos, encontraram-se cerca de 250 peças da técnica Levallois—restos de animais: veado, cabra, cavalo e tartaruga, todos carbonizados, que indica que a gruta seria um habitat. Tornava-se necessário encontrar a entrada, o que aconteceu em 1.992.

Na galeria da nascente foram descobertas duas bolsas de sedimentos, numa estavam os restos de um adolescente de 8 a 12 anos de idade, junto ao corpo, adornos de conchas. Na outra cerca de duas dúzias de pontas de zagaias em sílex, pensa-se que serviriam como material de substituição, em caso de necessidade.

## CAÇADORES DA ÉPOCA GLACIAR NO LITORAL DA ESTREMADURA

No paleolítico superior trabalhavam um tipo especial de núcleos-prismáticos, surgem as pontas líticas que funcionavam como zagaias, colocadas em cabos de madeira.

- Os tipos de zagaias, permitem dividir o paleolítico em 4 períodos:
- Aurignacense-38.000 até 28.000, as lamelas Dufour.
  - Gravettense-28.000 até 22.000, a ponta de casal do Filipe.
  - Solutrense-22.000 até 17.000, as pontas de face plana, as folhas de loureiro, as pontas de pedúnculo lateral e aletas.
  - Magdalenense-17.000 até 10.000, zagaias em osso, lamelas de dorso e arpões.

Em Portugal todos estes períodos estão reconhecidos. A Gruta do Caldeira (escavada entre 1979 e 1988), no Vale do Nabão, a norte da cidade de Tomar é um exemplo de um só local com vestígios de todos os períodos. Só foram encontrados os ossos dos membros dos animais caçados, o que se justifica se pensarmos que a gruta serviria de abrigo, durante as caçadas, o restante do animal seria levado para o acampamento.

Foi também nesta gruta que se descobriu o primeiro objecto de arte móvel, no nosso país, uma plaquinha de xisto gravada em ambas as faces, junto estavam vários adornos.

Em Cabeço de Porto Marinho, numa área ao ar livre a norte de Rio Maior, encontraram-se numerosas estruturas, sobretudo lareiras.

Na gruta de Salemas, muito estreita e pequena, descobriram-se utensílios característicos de dois níveis: lamelas Dufour, pontas de zagaias ou barbelas de pedra para pontas ósseas e uma enorme quantidade de cinzas, que nos levam a crer que a gruta foi utilizada inúmeras vezes, talvez para observação da caça.

## A GRUTA DO ESCOURAL E A ARTE DO PALEOLÍTICO

Fica no Alto Alentejo, as investigações puseram a descoberto uma necrópole do Neolítico assim como numerosas pinturas e gravuras do Paleolítico.

As pinturas a vermelho e negro, eram 14 e foram atribuídas ao período Aurignacense, por vezes há gravuras de estilos diferentes que cobrem as primeiras. Os utensílios encontrados foram: 4 lamelas Dufour e uma folha de loureiro.

Ainda hoje os investigadores, não estão de acordo, sobre os motivos que levariam os homens do Paleolítico superior, a fazer representações do mundo que os rodeava na forma de pinturas, gravuras ou esculturas, o motivo religioso, magia para a caça, rituais de iniciação ou arte xamanística em situações de transe, sabe-se de certeza que ou um ou todos seriam o verdadeiro motivo.

Antes do Paleolítico superior estas manifestações não existiam. Nem todos os habitats eram decorados.

## CAÇADORES E RECOLECTORES DA ÉPOCA PÓS-GLACIAR

Foi uma época de grandes mudanças ambientais, embora muito lentas. A temperatura aumentou cerca de 10 graus, o nível das águas do mar subiu entre 100 a 130 m, uma faixa de terra do litoral entre 5 a 30 km ficou submersa, formaram-se grandes estuários, a humidade aumentou, a vegetação passou de estepe para florestas mais ou menos densas de carvalhos, os grandes herbívoros desapareceram, predominavam os animais de médio e pequeno porte.

Era o período Mesolítico, alguns vestígios foram encontrados no interior dos antigos estuários dos rios Tejo, Sado e Mira. Na bacia do Guadiana, no interior de Portugal foram encontradas jazidas onde eram abundantes utensílios de seixos rolados-típicos do Paleolítico.

Em Xerez de Baixo, perto de Monsarraz encontraram-se cerca de 700 artefactos-seixos, lascas, núcleos, etc. Os seixos com entalhes laterais, conhecidos como pesos de rede, revelam que a pesca deve de ter tido um papel importante na vida destas povoações.

No norte talvez devido a condições climatéricas ou à submersão dos vestígios de exploração, pouco foi encontrado.

## ACAMPAMENTOS, OFICINAS DE ENTALHE E CONCHEIROS NA COSTA SUDOESTE

A costa Ocidental do Alentejo e Algarve, mostram através dos vestígios encontrados terem sido zonas muito povoadas, mais de 20 jazidas no espaço de 100 km, a maior parte são oficinas de entalhe e alguns concheiros.

Nas oficinas de talhe os utensílios eram Macrolíticos Mirenses. Várias espécies de moluscos característicos de falésias rochosas, como as Lapas e a Littorina Littorea, esta última própria de climas mais frios do que o actual.

Num concheiro perto de Porto Covo, além de utensílios do Mesolítico, havia uma vasta gama de ossos de peixes, de mamíferos e até de alguns humanos, datados de 4.500 a.C.

No concheiro do Castelejo, a 15 km a norte do Cabo de S. Vicente (Vila do Bispo), havia uma massa compacta de conchas de lapa, mexilhão e outros moluscos. Escavações recentes nesta zona revelaram várias estruturas rudimentares de habitações, a datação por rádio-carbono localizou-as em 5.500 a.C., este era um acampamento sanzonal habitado durante grandes períodos.

## OS CONCHEIROS MESOLÍTICOS DO VALE DO TEJO

Situados nas ribeiras de Muge e de Magos, na primeira descobriram-se cinco concheiros, a pouca distância uns dos outros. A escolha deste local permitia-lhes a exploração de uma enorme variedade de recursos naturais, por um lado tinham a caça, a pesca e a recolha de moluscos, por outro colhiam os frutos e plantas-5.500 a 5.000 a.C.

As escavações feitas na Moita do Sebastião, permitiram detectar algumas estruturas habitacionais, que indicam que o grupo era pequeno, entre 15 a 25 pessoas, talvez uma família alargada, característica dos grupos de caçadores-recolectores.

Foi possível reconstruir alguns aspectos da vida quotidiana e dos rituais fúnebres, dos últimos grupos que ocuparam o antigo estuário do Tejo. Caçavam o veado, javali, corço, cavalo, coelho e lebre; os moluscos mais consumidos eram a lameijinha e o berbigão; pescavam a corvina e várias outras espécies; o pato, a perdiz e o pombo eram algumas das aves que faziam parte da sua alimentação.

Os utensílios microlíticos (feitos a partir de lamelas), foram os mais encontrados-fabricados na técnica do microburil, eram pequenas peças de várias formas, como pontas de setas.

As sepulturas existiam em todos os concheiros, o ritual fúnebre estava bem definido. Os corpos colocados em decúbito dorsal, pernas semiflectidas e braços estendidos ou cruzados sobre o abdómen, eram polvilhados com ocre vermelho e adornados com pequenos búzios, em forma de colar. A esperança de vida média era de 30 anos. Nos quase 300 corpos encontrados, havia um elevado número de cáries dentárias, artrite e lesões traumáticas.

## OS CONCHEIROS DO VALE DO TEJO

Apresentam muitas semelhanças com os do vale do Muge. O de Patancho, em muito mau estado devido a ser uma zona de cultivo, o outro na Quinta de Baixo ou Cabeço dos Ossos ou Cabeço de Pez.

Ao contrário do vale do Tejo, a formação de concheiros do Sado, foi feita por justaposição e não por sobreposição. A cada período de ocupação, corresponde um montículo de conchas com menos de um metro de diâmetro e outro de espessura. Para distinguir as diferenças entre as várias culturas dos habitantes é necessário escavar extensões muito vastas.

Em Poças de S. Bento, descobriram-se algumas estruturas de habitações, sabemos através do radiocarbono que estes concheiros foram ocupados ao longo de mais de um milénio entre 7.500 e 6.500 anos, no período que corresponde ao início da fase Atlântica do Holocénico.

## OS PRIMEIROS GRUPOS DE PASTORES E AGRICULTORES

O Neolítico- período do aparecimento de uma nova tecnologia—a pedra polida e de uma nova economia—agro-pastoril.

Para explicar o abandono, de uma forma de vida que durante dois milhões de anos foi plenamente satisfatório, dá-se uma série de razões: modificações ambientais, pressão demográfica ou complexidade social.

Os vestígios mais antigos do Neolítico no Mediterrâneo Oriental, datam de cerca de 8.000 a.C., os do Levante espanhol de 4.750 a.C., os de Portugal, encontrados na

Gruta do Caldeirão de 4.250 a.C.. parecem ter sido ao ar livre, sem defesas e de grupos pequenos. Em Santarém encontrou-se um vaso de cerâmica decorada com impressões feitas com uma concha de cardium, de onde lhe vem o nome—cerâmica cardial.

No Maciço Calcário da Estremadura, encontraram-se vestígios do Neolítico, datados de 6.500-6.000 anos, mas por exemplo, na gruta do Caldeirão, a vida agropastoril só foi adaptada muito mais tarde.

Nas jazidas de Comporta no estuário do Sado os vestígios do Neolítico, datam do 3º milénio a.C.

## O FENÓMENO MEGLÍTICO

A partir do 5º milénio a.C., as sociedades de pastores e agricultores construíram monumentos, constituídos por enormes blocos de pedra. As antas de Belas e os sepulcros Megalíticos dos arredores da Figueira da Foz, são um exemplo. No norte também abundam este tipo de monumentos. A maior parte dos que se conhecem em Portugal são sepulturas.

Com uma câmara poligonal de 5, 7 ou 9 esteios, cobertos com uma grande laje ou chapéu, um corredor de comprimento variável, com esteios mais pequenos e também cobertos com lajes.

Os menires constituídos por blocos isolados, os cromeleques por blocos agrupados, que dizem estar ligados à religião e a rituais de fertilidade, outros também lhes dão um significado astronómico, devido à sua localização, configuração e posição dos blocos. Os primeiros foram construídos no 5º milénio a.C. no Alto Alentejo, no 4º aparecem nas Beiras e no norte do país. Na fase final já no Calcolítico, no sul do país a construção megalítica é substituída pela técnica de falsa cúpula, dando origem às chamadas thólos.

## O NÚCLEO MEGALÍTICO DE REGUENGOS

Tem cerca de 150 monumentos de vários tipos e épocas, 136 eram sepulcros, o resto eram menires e cromeleques. A economia dos povoados não é conhecida, pois não se conseguiram encontrar vestígios, mas devido a várias circunstâncias, crê-se que eram pastores, caçadores e recolectores. Viviam em tribos, os sepulcros eram colectivos, daí pensarmos ter sido uma sociedade igualitária.

Para construir os monumentos maiores, seriam necessárias, no mínimo 100 pessoas. Na fase final já terão havido diferenças sociais.

## CONSTRUTORES DE MEGALÍTICOS DO NORTE E DO CENTRO

O 1º núcleo megalítico do norte do país, fica na Serra da Aboboreira. O período final da sua utilização, terá sido no 2º milénio, já durante a Idade do Bronze. Na Mamão de Chã do Carvalhal, encontraram-se dois punhais de lingueta de cobre, vários vasos de

cerâmica campaniforme, decorada em estilo pontilhado e inciso. Durante este período, construíram-se pequenos Cairn, com enterros individuais.

## A ARTE DO RUPESTRE DO VALE DO TEJO

Em Fratel, no curso do Tejo, encontraram-se 12 núcleos cada um deles constituído por centenas de petróglifos, espalhados por ambas as margens do rio.

Representações de cervídeos e caprídeos, figuras antropomórficas, símbolos solares, espirais ou geométricas, que foram feitas por precussão directa ou indirecta, muito poucas por abrasão. Houve 5 períodos: Arcaico—grandes animais, estilo subnaturalista; Mesolítico—estilizado, estático, corpos de perfil dos animais, por picotagem ou linhas; Neolítico inicial—estilizado, dinâmico, mais variedade de representações, o sol e outros de significado ritual; Meridional—símbolos solares, geométricos, armas; Atlântico—espirais, círculos isolados ou agrupados (idade do bronze), linhas e círculos, animais híbridos ou fantásticos (idade do bronze final).

## OS PRIMEIROS METALURGISTAS

Chamadas sociedades do Calcolítico-3º milénio a.C., ainda que no início, a tecnologia metalúrgica, estivesse a dar os primeiros passos. Os povoados, tornaram-se mais estáveis, alguns já providos de estruturas defensivas. No nosso país, os habitantes ainda se encontravam muito atrasados no desenvolvimento,, mas grupos vindos do exterior, ter-se-ão fixado, principalmente no litoral da Estremadura.

É lógico que a confusão de culturas só aumentou as dificuldades para distinguir as diversas fases. As investigações permitiram perceber, que os progressos da faixa atlântica se expandiram para o norte e para o centro. A sul onde até há pouco tempo se desconheciam espaços habitacionais, tem no entanto vestígios de uma precoce aquisição da metalurgia.

Um dos elementos que revela o desenvolvimento diferente de região para região, é o cultural. Na Estremadura a cerâmica era em forma de copo, muito bem acabado e por vezes decorado com caneluras. Na Península de Setúbal, eram as formas abertas, estilo prato, quase sempre sem decoração.

Na segunda metade do 3º milénio, na Estremadura, torna-se corrente o vaso campaniforme, com bordas pontilhadas. No sul a cerâmica manteve-se lisa.

A prática do enterro colectivo, permanece, em grutas naturais, dólmenes ou escavadas na rocha. Apareceu um novo tipo de monumento—o túmulo de falsa cúpula—os thólos—também eles colectivos. Na Praia das Maças, foi encontrado um, deste tipo. No sul, nota-se um menor cuidado na construção destes monumentos.

Nos vestígios encontrados, nestes túmulos colectivos, dá-se destaque a uma enorme variedade de objectos de calcário e um elaborado universo de símbolos. O calcário era a matéria-prima mais usada nos rituais funerários, na Estremadura e já revelam uma crescente diferenciação social.

## ARQUITECTURA E METALURGIA NO CALCOLÍTICO DO ALGARVE

Os vestígios mais importantes são os diversos monumentos da necrópole de Alcalar e de Monte Velho, no Algarve Ocidental, os de Nora e Marela, na zona Oriental.

Na primeira, descobriu-se recentemente um povoado, que demonstrou que a metalurgia e as estruturas defensivas aparecem no mesmo período. Em Alcalar o que é raro, a povoação e a necrópole estavam muito próximas, apesar de ser fortificada era muito simples, ao contrário da arquitectura funerária. A figura do «Grande Homem» está presente nos túmulos magníficos, assim como na posse de bens que dariam prestígio aos seus donos.

A variedade de monumentos, mostra a evolução da arquitectura. O 1º túmulo era um típico monumento megalítico, constituído por grandes blocos de grés, seguiram-se os de falsa cúpula de vários tipos e por fim monumentos menores que marcariam os enterros individuais da Idade do Bronze.

Os objectos encontrados deram sinais de uma nascente indústria do cobre, eram funcionais—serras, machados, furadores e escopros; os decorativos—fitas de cobre, etc., os que eram feitos de materiais mais raros, eram o símbolo de posição social. As grandes lâminas de sílex, não deveriam ter um uso prático, dada a sua fragilidade, as elaboradas pontas de setas, encontradas em Alcalar, eram quase de um barroquismo formal e só poderiam ser um símbolo de riqueza.

## FORTIFICAÇÕES DE METALURGISTAS DO SUL

No interior da serra algarvia, uma área pouco fértil, apesar de se encontrar próxima da ribeira de Foupana (afluente do Guadiana), foi o local escolhido por um grupo para se instalar. Escolheram uma elevação bem destacada na paisagem, mas pouco ampla—1ª metade do 3º milénio a.C.

Ao redor do cume, havia um muro com uma única porta de acesso e duas torres em faces opostas, estas defesas foram sendo melhoradas ao longo dos tempos. Foram encontrados vestígios de várias actividades económicas, no interior desta povoação (Santa Justa, em Alcoutim). A metalurgia do cobre—cadinhos, moldes e pingos de fundição; tecelagem—pesos de tear.

Apesar do solo agreste, dedicaram-se às actividades agro-pastorícias. Na cerâmica a forma mais usada era o prato, quase sem nenhuma decoração.

No Alentejo dá-se destaque à povoação de Monte da Tumba no Torrão, instalada numa elevação em esporão, aí foram encontrados novos artigos de cerâmica, como os pratos de bordo espessado. Tinha muralhas que foram sendo reedificadas, as casas eram circulares de pedra e adobe, a subsistência assentava nas actividades agro-pastoris.

As relações entre regiões, existiam apesar de terem culturas diferentes, pois havia fluxo de cobre para norte e de bens de prestígio para sul.

Mas um caso especial foi sem dúvida, o amplo povoado, desprovido de muralhas, de Ferreira do Alentejo, é provável que tenha tido 100ha., aqui havia uma grande concentração de cerâmica campaniforme e era o local onde era fabricada. Parece ter havido deslocação de povoações. No sítio já escavado, encontrou-se vestígios de uma cultura associada ao povo campaniforme: metalurgia do ouro e do cobre, botões de osso, com perfurações em forma de V, braçais de arqueiros, enormes quantidades de ossos de gado bovínico, que podem ter sido usados na alimentação e como força motriz na agricultura.

### ZAMBUJAL—UMA FORTIFICAÇÃO CALCOLÍTICA DA ESTREMADURA

No litoral português, em particular, nas penínsulas de Lisboa e Setúbal, há um elevado número de sítios arqueológicos. A maior dúvida é se tiveram origem no Neolítico ou se foram povos vindos do exterior que habitaram nesses sítios.

Conhecem-se vários exemplos de continuidade, como o Zambujal, em Torres Vedras. Aparentemente estes habitantes não se sentiram atraídos pelo litoral e concentraram-se no amplo planalto, sobranceiro à ribeira de Pedrulhos, era fortificada e passou por cinco fases de construção e reconstrução.

No que respeita há cultura, houve grandes transformações; a cerâmica campaniforme, na fase inicial em forma de câmpanula, decorada com faixas paralelas pontilhadas, dentro do povoado existia uma zona específica de produção de objectos de cobre.

### ECONOMIA E SOCIEDADE NO ZAMBUJAL

Semeavam: trigo, cevada e favas. Mas como o solo não era muito fértil, supõe-se que a maior parte dos alimentos vinham de comunidades situadas mais a montante. A proximidade da ria, onde as águas salgadas penetravam com abundância, apanhavam uma enorme variedade de moluscos.

O Zambujal não deve ter sido um centro recolector ou administrativo, visto não haver sinais de locais de armazenagem ou de poder.

Os animais domésticos tinham uma grande importância, os de caça estão muito menos representados, não se crê ter havido exploração de produtos secundários, como o leite e a força de tracção animal.

Mantinham relações supra-regionais, o cobre tinha de ser adquirido, nas regiões do sul encontraram-se objectos raros de cerâmica, que eram característicos de outros povoados. Esses bens serviriam para demonstrar o prestígio de uma comunidade ou de alguns dos seus membros. As casas eram simples cabanas de forma oval, com uma base de pedra, as paredes e tectos eram feitos de barro e ramagens.

O grupo de metalurgicos ocupava uma posição social superior.

## OS POVOADOS CALCOLÍTICOS A NORTE DO DOURO

A história do calcolítico a norte, era um grande vazio, até há alguns anos atrás. Entre os povoados identificados, o de Soutilha (Mairos), têm uma grande importância, até por serem de uma época de transição. Uma comunidade que aproveitou a penedra que se ergue sobre um vale, para aí construir cabanas.

As formas de cerâmica eram esféricas e semiesféricas, ovóides e em calota, era quase toda decorada, mas a técnica mais utilizada é a da incisão. A produção agrícola era boa, dá-se o armazenamento dos excedentes, o que origina estabilidade nas povoações e o aparecimento de novas formas de competição social assim como o aumento demográfico.

Todas as povoações a norte do Douro, tinham como preocupação a sua defesa de preferência integrada na paisagem. Tentavam também ter acesso a vales férteis.

Em Pastoria, os espaços naturais abrigados, pouparam um enorme trabalho de construção aos seus povoadores. No solo cravaram postes que eram a estrutura básica das cabanas feitas de barro e ramagens, não tinham fortificações.

Possuíam objectos de cobre, de sílex e de outros materiais raros, tinham cerâmica campaniforme.

Em Vila Nova de Foz Côa, Castelo Velho, era um povoado fortemente fortificado.

Pode-se concluir que no norte havia uma vasta variedade de situações que aponta que as povoações tiveram bases semelhantes mas evoluções diferentes. Fez no entanto parte de um processo que envolveu toda a fachada Atlântica da península.

## AS CIVILIZAÇÕES DA IDADE DO BRONZE

O território ocupado por estas civilizações não se confinavam só ao território de Portugal, continuava mais para norte e para o interior,

Estavam organizados em pequenos chefados, hierarquizados e exploravam os recursos naturais. Tinham as actividades: agro-pastoris, metalúrgica e mineira. Em zonas ricas há uma maior concentração de jóias.

O clima seria muito próximo do que se faz sentir hoje. Havia duas zonas distintas, uma a norte do Tejo e outra a sul, o desenvolvimento da Idade do Bronze vai ser diferente nas duas regiões, uma vai ser a dominante.

A Idade do Bronze está dividida em: I, II e III ou Bronze Final. --O Bronze I ou Inicial—de 1.500 a 1.200/1.000 a.C.---aparece o Bronze-arsénico (liga intencional de cobre e arsénico), com mudanças a todos os níveis. Enterros individuais por imitação, faziam-se acompanhar por objectos de formas pouco habituais. Adornos em lâminas de ouro, obtidos por martelamento, uma influência de regiões do norte da Europa (Irlanda, Escócia e Inglaterra) assim como o rebordo a cinzel e a punção, encontraram-se exemplos destes objectos em Viana do Castelo.

A sul do Tejo era mais frequente encontrar tesouros em espirais de fio de ouro, por vezes encadeados. As regiões a sul encontram-se mais desenvolvidas, a partir de 1500 a.C., começa a aparecer o bronze propriamente dito—liga de cobre e estanho.

Os povoados são escassos, situados em zonas planas, sem muralhas ou qualquer outro tipo de protecção. Os enterros perderam a monumentalidade e o carácter colectivo. Aparecem poucas sepulturas juntas, excepto no caso de Donalda em Portimão ou Alcaria em Monchique. Mas todas as sepulturas são individuais, em construções simples, lajes de xisto, formando uma caixa. Os objectos encontrados eram de cerâmica, armas (facas de lâmina curta e pontas de setas em metal)

## A PLENA IDADE DO BRONZE

A partir de 1100 até cerca de 800/700 a.C. OS objectos de cerâmica e bronze, são mais complexos, nos cemitérios, no limite do túmulo com forma quadrangular, aparecem grandes pedras que sustentam o peso do túmulo. Uma das características deste período é o aparecimento de lápidas sepulcrais, com as representações das armas dos guerreiros, na superfície.

Existem grandes povoados fortificados. A cerâmica é fina, bem acabada e a sua decoração requintada (desenhos geométricos ou nervuras) em garrafas e taças altas. As armas eram de bronze e muito variadas—machados de forma alongada com rebordos salientes e talão, como os que foram descobertos em Elvas e Alcobaça. A ourivesaria atinge um grau muito elevado.

A maioria dos corpos ainda eram enterrados em posição fetal, mas muitos aparecem com disposição diferente, o que leva a crer que quando eram sepultados, já só existiam os ossos.

## BRONZE FINAL MEDITERRÂNEO

As influências do Atlântico e do Mediterrâneo, juntam-se as que chegam pelo interior, através da Meseta (influências de Hallstatt). As diferenças entre o norte e o sul do Tejo, acentuam-se. A sul o contacto entre povos é muito maior, as trocas comerciais, de ideias e religiosas, aumentam.

O guerreiro, talvez o chefe tem cada vez mais importância, o seu caixão era enterrado em pé. Os cemitérios perdem a sua imponência e os povoados vão ser postos em relevo, o seu tamanho aumenta e há vastos recintos junto à zona de habitações, para o gado.

O povoado de Corôa de Frade, está rodeada por um forte amarelhado de 2,7 m de espessura, a altura era de 3,4 m, nas zonas mais vulneráveis era de 4,2 m.

A cerâmica mais característica, é a de retícula brumida, a mais encontrada em Portugal é do tipo mais antigo, vasos de formas altas e cónicas com carena alta, decoração geométrica simples de triângulos e linhas paralelas ou cruzadas. A maior parte destes vasos tinham paredes altas quase verticais.

## BRONZE FINAL ATLÂNTICO

A região a norte do Tejo, tem características diferentes. Quase não se encontraram necrópoles, mas depósitos de fundidor eram em grande número, a maior parte compostos por machados, sem sinal de uso, por isso, deviam de ser depósitos ou refugio de fundições, de objectos mal fundidos ou partidos.

Os povoados eram construídos em altura, rodeados por muralhas e fossos, havia sinais de uma intensa exploração agrícola, criação de gado, seguida da extração e tratamento de metais .

Não se notaram trocas importantes de produtos com o sul, mas sim com o oeste de França, Bretanha, Irlanda e sul da Inglaterra, zonas que também eram ricas em estanho. O que trocariam?

As características culturais da Europa Central, rituais fúnebres, está bem presente na região a norte do Tejo. A cerâmica é do tipo brumida e carenada. As armas comuns às duas zonas, foram as espadas pistiliformes e em língua de carpa. Os primeiros espetos de bronze, aparecem quer a norte quer a sul. No norte são espetos mais elaborados, articulados, provavelmente usados em rituais especiais, como sugere o simbologismo das figuras que se apresentam sobrepostas á articulação. No sul são do tipo Hallstattico, também eles associados a rituais religiosos ou ao enterro de heróis.

Na ourivesaria dominam as técnicas novas de moldagem, para o fabrico de torques ocos, a decoração é pela punção ou incisão na superfície das jóias. A imaginação celta, manifesta-se na decoração dessas jóias, a norte do rio Tejo.

## CIVILIZAÇÃO TARTÉSSICA

Sudoeste da península Ibérica, na última fase do bronze final, por volta de 700 a.C., é um estado muito conhecido, com uma enorme riqueza mineira, os autores clássicos escreveram sobre ele, com enorme respeito e admiração. Tartessos era rico em ouro, prata e outros minerais. Cedo estabeleceram relações comerciais com povos do Mediterrâneo e do Atlântico.

Este reino teria tido uma região nuclear e uma região mais vasta periférica, dependente do núcleo—Alentejo, Algarve, Andaluzia Ocidental e Estremadura espanhola.

Habis terá sido o primeiro monarca de Tartessos, era um rei poderoso, fez um conjunto de leis para regular e unir o seu povo. A agricultura e a pastorícia estavam muito desenvolvidas, as condições de vida melhoraram. A população estava distribuída por sete cidades, o centro mais antigo e importante teria sido Cerro Salomon em Rio Tinto. Huelva passaria a centro no séc. VII a.C. A população do primeiro centro deveria ser céltica. A tendência foi deslocarem-se das montanhas para as planícies, onde a vida era mais fácil.

Os contactos comerciais com as colónias gregas do Mediterrâneo Oriental, deram origem a profundas aculturações, como por exemplo, terem adaptado o alfabeto grego, as lápides funerárias, etc. Os túmulos eram rectangulares, justapostos, alguns com uma moldura em círculo mais ampla. As oferendas eram compostas de vários

objectos orientais:: anéis com escarvelhos (de Naucratis), vasos rituais obeloi, armas diversas, aros de rodas de carros, jóias, etc.

Os rituais religiosos e fúnebres também mudaram, só a aristocracia e os heróis tinham direito a enterros magníficos.

## CIVILIZAÇÃO CÉLTICA

No fim do séc. VIII, princípio do VII a.C., o sudoeste peninsular, apresenta indícios de mudanças profundas. Vastos povoados fortificados, cultos das actividades guerreiras e dos heróis, com as suas sepulturas evidenciadas, os escudos de chanfradura em V, o controlo das vias comerciais, a escrita, a troca de presentes diplomáticos entre as potências do tempo, complexa organização social.

No séc. VI a.C. o auge da civilização tartéssica, observa-se duas áreas de influência na zona:

--uma orientalizante, vinda através da costa e dos contactos com o sul da Península,  
--outra celtizante, que chega ao sudoeste através da Meseta.

No séc. V Tartessos entra em declínio, assim como as colónias fenícias do Ocidente, na Península dá-se o inverso, com a evolução de pequenos reinos.

Em Portugal, de influência céltica, tivemos dois cultos religiosos: Endovellico e Ataegina. Do primeiro encontraram-se estátuas humanas em tamanho natural, de bronze e prata, assim como inscrições em Mármore. Adoravam uma divindade oracular, tinha apenas um templo, estava ligada ao mundo subterrâneo—ao javali e a Cernunos, este da mitologia céltica.

Do culto de Ataegina, encontraram-se inúmeras inscrições e dedicatórias à deusa em pequenos bronzes votivos, era um culto de fertilidade, do renascer da Primavera e da natureza, não foi encontrado nenhum templo.

As cerâmicas eram decoradas através de matrizes; a ourivesaria estava bastante desenvolvida, com o disco de Bensafrim, onde já apareciam caracteres da escrita tartéssica e símbolos em colchete, próprios da imaginação céltica.

## CIVILIZAÇÃO IBÉRICA

Surge logo a seguir da queda de Tartessos e passa por dois momentos distintos:  
--expansão e consolidação-fim do séc.V-IV e parte do III.  
--pertubação e desagregação-desde III até à romanização.

Nos dois momentos a cerâmica era Ibérica, revestida de engobe alanrajado, bandas paralelas, pintadas a vermelho-escuro, traços direitos, ondulados e semicírculos, era a loiça mais fina. Também importaram cerâmica grega e púnicas, que são copiadas pelos oleiros ibéricos

Os vários reinos emergentes a seguir à queda de tartessos, ao simultaneamente, semelhantes e diferentes, os autores clássicos descrevem a Hispânia e os seus povos.

Todos os reinos mantinham entre si relações comerciais e culturais.

Em Alcácer do Sal encontrou-se um carro de rodas de bronze com quatro raios cruzados ao centro, de origem grega, era o mais arcaico e menos funcional de todos os carros encontrados na Grécia.

A vinha terá vindo da região céltica, o vinho era muito apreciado e cultivado em Santa Olaia, na Figueira da Foz.

A partir do séc. III, os pequenos reinos, sofrem perturbações com a vinda dos exércitos de Cartago, as guerras púnicas, onde os jovens iberos lutavam como mercenários e para as quais todos os povos contribuíam com pesados impostos.

A estrutura e a organização pouco foi alterada, mas começa o longo e lento processo que vai resultar na submissão a Roma.

## CIVILIZAÇÃO CASTREJA

Delimitada a sul pelo rio Vouga, a este pelos rios Navia e Esla, a norte e ocidente pelo Atlântico (norte de Portugal e Galiza). Era uma civilização da Idade do Ferro Tardia, com numerosos povoados de altura, com origem auctónea, tinham uma ou mais muralhas defensivas, habitações em forma cilíndrica e construídas em blocos de Granito.

A necessidade de defesa, mostra que eram povos beligerantes. A sua evolução teve 3 fases distintas:

Fase 1—ligada ao bronze Atlântico e à Idade do Ferro Inicial—com alguns vestígios de origem mediterrânica.

Fase 2—características celtas e mediterrâneas.

Fase 3—quando se integra no império romano.

Nesta civilização os cultos eram essencialmente célticos: dos heróis, da fertilidade e de iniciação. Associados a este último, os célebres monumentos com uma câmara isolada, por uma «Pedra Formosa», do resto das salas, que formavam um edifício alongado, fora do povoado, junto a um curso de água, que era utilizada nos rituais.

A ourivesaria era de enorme beleza, a técnica de filigana, era já utilizada.

## DA ÉPOCA ROMANA À REVOLUÇÃO INDUSTRIAL

### A CIVILIZAÇÃO ROMANA

As tropas de Cneu Cornélio Cipião, desembarcaram no porto da cidade mediterrânea de Ampúrias (actual província espanhola de Gerona), em 218 a.C.. a finalidade era o controlo económico da região. Expandiram-se por toda a Península.

Aqui os povos do norte, baseavam a sua economia na pecuária e na guerra de pilhagem associada à actividade pastoril. Os povos do sul—iberos, os do centro e do norte—celtas e celtiberos. No primeiro contacto os romanos preocuparam-se em anular a resistência das povoações hostis e fomentarem a colaboração com as cidades, com as quais tinham interesses comuns

Em 201 a.C. depois da segunda guerra púnica estenderam a sua influência a Myrtilis—Mértola, Salacia—Alcácer do Sal e a Olisipo—Lisboa, todas elas portos fluviais. As regiões do Baixo Alentejo e do Algarve, já há muito que mantinham relações com as civilizações do Mediterrâneo, onde os romanos tinham os seus aliados naturais.

A coabitação de romanos e de indígenas, estimula o uso da moeda que dá origem ao acumular de riquezas em numerário e em artigos de luxo. As lutas entre romanos e lusitanos na Beira interior acabam quando Viriato e Fábio Máximo Serviliano, acordaram a paz—140 a.C.

O Imperador Augusto fez o reordenamento administrativo de todo o território peninsular, delimitou as cidades e os seus territórios e criou divisões administrativas. Nem todas as cidades tinham o mesmo estatuto jurídico.

A reforma Flávia traz uma nova organização de tipo judicial e religioso, os conventos jurídicos, a Lusitânia foi dividida em três: Beja, Santarém e Mérida eram as capitais.

O Imperador Domiciano alarga o direito latino a toda a Hispânia. Algumas cidades passam à categoria de Município, Olisipo, não possui esse estatuto porque era um Município de cidadãos romanos. Essa reforma permitia aos habitantes participar na vida pública e ocupar cargos políticos ao nível do poder central.

A consequência foi a substituição das elites locais por uma nova camada social.

## AS ACTIVIDADES ECONÓMICAS

A actividade extractiva, transformadora e conserveira, tornavam lucrativa a exploração do território. Havia minérios, pedras ornamentais, peixe e muitos outros recursos naturais.

É lógico que essa exploração era condicionada pelas capacidades técnicas, pela disponibilidade de recursos e pela organização social. A exploração mineira romana, da qual temos dois fortes exemplos, ainda hoje causa admiração, as minas de Aljustrel e Três Minas.

Os produtos abasteciam os mercados internos e eram exportados. A exploração das pedreiras de mármore era muito importante, quase todos os monumentos utilizavam esse material.

A transformação do pescado em garun e na indústria tintureira (tecidos de púrpura). A colheita de ostras, que eram muito apreciadas, assim como a madrepérola. O peixe mais rentável era o salmonete, quer pelo seu sabor quer pelo seu tamanho.

A agricultura intensiva proporcionava excedentes. O azeite e o vinho, eram transportados em recipientes, cujo fabrico era de origem local.

## AS CIDADES

Cada cidade era governada por um órgão colectivo—o senado (*ordo decurionum*), que era composto pelas famílias mais importantes e por um conjunto de cidadãos eleitos.

Havia dois chefes, os duúnviros, eleitos anualmente entre os membros do senado. Acabavam por ser as famílias mais importantes a dividir o poder entre si.

O centro da vida pública era o Fórum—uma grande praça rodeada por um pórtico, onde existia um templo, erguido em honra da divindade local ou para o culto imperial. Havia disputas entre os habitantes mais ilustres para aí colocarem as suas estátuas.

As multas, custas judiciais e a cobrança de impostos eram as receitas dos cofres do Município. O cargo de duúnviro não era muito pretendido, já que as regalias oferecidas não eram suficientes para tornar o cargo aliciante.

## AS VIAS DO COMÉRCIO

A diversidade de produtos, num carregamento, que fosse transportado por via marítima, facilitava o comércio, durante a viagem, os romanos viajavam sempre com terra à vista e por vezes recolhiam a um porto durante a noite.

As viagens por terra eram mais difíceis, lentas e inseguras. A construção do gigantesco sistema viário, foi o resultado de um processo gradual. A frase “Todos os caminhos vão dar a Roma”, era uma realidade.

Há vários vestígios de vias romanas em Portugal, a que se encontra em melhor estado é a Geira que atravessa o norte do actual Parque Natural do Gerês.

Compactavam os caminhos, com camadas sucessivas de materiais de diversos calibres, sobre os quais colocavam um lajeado. Em todas as vias, havia informações nas bermas, em colunas de pedra para os viajantes (marcos miliários), de mil em mil passos, dizendo quanto faltava para a próxima cidade e o nome do imperador que reinava na altura da sua construção.

O pavimento facilitava o movimento dos carros, havia postos de portagens, na entrada das cidades ou em locais em que fosse obrigatório passar. Havia também um bom número de albergues, casas de comida, mudas de cavalos e postos de policiamento.

## OS CENTROS RELIGIOSOS

Os romanos tinham a noção que a religião, era um dos melhores meios de poderem controlar social e politicamente, os povos dominados, por isso nunca hostilizaram abertamente os chefes religiosos.

Em Portugal havia cultos de tipo indígena, romano e orientais. O imperador Augusto, impõe às cidades o culto ao imperador, o chefe era sempre escolhido nas elites locais, era um cargo de prestígio.

A tolerância dos romanos fez com que divindades e rituais, fossem adaptados por eles e também pelas povoações indígenas. Os cultos destes últimos são conhecidos através de inscrições em latim, o que nos permite saber dos deuses: Banda, Nabia e

Reva, que na região de Idanha tem o epíteto de Langanitaeco e Ategina na cidade de Turobriga, etc.

Conhecem-se alguns locais de culto, no monte de São Miguel da Mota, o santuário de Endovélico, na «cidade santuário» de Miróbriga dedicado a Esculápio e a Vénus. Em cada casa havia um altar, para a prática de cultos familiares.

Um dos cultos de grande expressão pública era o de Júpiter, deus dos imperadores divinizados. Havia deuses para todos os tipos de actividades, até para os caminhos.

## CRISTIANIZAÇÃO DO TERRITÓRIO PORTUGUÊS

Os primeiros vestígios datam do séc. III, mas é possível que já existissem antes dessa data, entrou pelo sul e coabitou pacificamente com a religião pagã, em especial nas zonas do interior.

Apareceram templos de planta básica mas as práticas religiosas, como produto acabado só aparecem no séc. IV.

Os Bárbaros (Visigodos), tomaram contacto com o império romano e tornaram-se seus aliados. Assimilaram várias características romanas, como por exemplo o cristianismo. A pedido de Roma dirigem-se para a Hispânia para lutar contra os Vândalos e os Alanos, em troca os romanos permitiam o saque, davam-lhes um subsídio alimentar e por vezes terras para que nelas se instalassem.

Depois de vencer os inimigos de Roma dirigem-se para Ravena na Itália, onde o chefe se opõe ao domínio romano. Mas muitos deles ficaram no nosso território onde se instalaram. A cristianização peninsular dá-se já com a presença dos visigodos.

## O PERÍODO ISLÂMICO

A islamização faz-se na área da antiga Lusitânia, parte substancial de Portugal e uma pequena área da Estremadura espanhola, a região fica a ser conhecida pelo nome de Garb al-Andalus, ou seja, ocidente de Andaluz.

Estabeleceram consentos e acordos mas havia um constante estado de revolta no Garb. As tentativas de centralização do poder por parte dos emires e califas, só acentuaram o descontentamento. Houve movimentos unificadores à escala regional, como: as lutas da tribo Yashubi- na segunda metade do séc. VIII; o processo autónomico dos Banu Marwan- na segunda metade do séc. IX; as taifas do séc. XI-na aparência por motivos religiosos, mas na realidade eram políticos e a aventura política de Ibn qasi- meados do séc. XI.

## AS CONSTRUÇÕES RELIGIOSAS

Não se deu uma ruptura significativa na arquitectura, herdada do mundo tardo romano, foram-lhe acrescentadas algumas características da cultura moçárabe e muçulmana. Todos os monumentos são semelhantes na Alta Idade Média.

Não seriam por certo as comunidades locais a construírem esses monumentos, visto não terem recursos económicos para tal, eram as famílias endinheiradas a fazê-lo, por isso se notam ligeiras diferenças entre construções, que marcariam o cunho pessoal dos que davam o dinheiro.

No séc. XI com a expansão demográfica, a consolidação do poder e a adopção dos costumes de Cluny, o panorama arquitectónico alterou-se profundamente. Os novos templos são patrocinados por reis e condes, logo imitados por todos os que tinham possibilidades económicas, pois era um factor de prestígio.

Há um surto construtivo, sobretudo nos grandes centros, por artistas de origem moçarabe, lombardos, borgonheses e outros. É a época do Românico português.

### AS CONSTRUÇÕES MILITARES

Nos séculos XI e XII, na região de entre Douro e Minho, constrói-se uma enorme mancha regular de fortificações, em locais estratégicos—castros, castelos, torres, fâchos, faros, guardas e custóias.

Vinte por cento das povoações identificadas de 1258, tinham fortes estruturas defensivas. Podiam ser obra colectiva ou iniciativa do senhor local. Serviriam para abrigo em caso de necessidade, possuíam normalmente locais específicos para o gado.

Um dos primeiros castelos a possuir estruturas para a permanência de uma pequena guarnição foi o de Lanhoso, séc. XI, sob a influência da arquitectura muçulmana.

No séc. XV deu-se outra vaga construtiva, de reparações e de remodelação, o que tornou difícil a posterior distinção, das contribuições românicas e góticas, nesses edifícios.

### PONTES, ESTALAGENS E HOSPITAIS

O legado da idade média ficou também patente nestas construções, nessa época eram consideradas caridade. Os reis muitas vezes deixavam dinheiro em testamento para a construção de pontes.

Os hospitais eram pequenos, com poucos recursos, feitos por norma numa antiga casa de habitação. Afonso V considerava o hospital de Jesus Cristo em Santarém, uma instituição modelo, mas só tinha camas para 13 pessoas, cinco homens e oito mulheres.

No fim do séc. XIV, as instituições atravessam uma grave crise, devido ao uso abusivo dos recursos por parte dos administradores e provedores, D. João I, toma as primeiras medidas, para evitar este estado de coisas, funde várias casas de beneficência, o que anos mais tarde levaria à criação do Hospital Real de Todos-os-Santos e à fundação das Misericórdias.

## AS RESIDÊNCIAS SENHORIAIS

No séc. XIII, com a colonização das terras do sul, o fim da reconquista, a dinamização do comércio, a difusão da moeda, a expansão e deslocação demográfica, há uma mudança radical na sociedade.

A guerra era até aí uma actividade de suma importância, vai dar lugar À procura de soluções racionais com base na escrita e no dinheiro.

Aparece a casa senhorial fortificada, instalada em terrenos agrícolas férteis, a torre de pedra era o símbolo do poder e riqueza do senhor. O segundo piso das torres iluminado e ventilado por uma ou mais janelas, era a área residencial, o primeiro piso, alto, longe do chão, funcionava como prisão ou armazém, às torres, pegadas a uma das paredes juntaram, anexos em madeira ou pedra que serviriam para alojar os criados, cozinhas, adegas e cavalariças.

## AS CONSTRUÇÕES URBANAS

Raramente tinham mais do que um piso, nas cidades não havia espaço, nos bairros de mais prestígio, algumas casas, dos ricos tinham, chegavam a ter quatro pisos.

As divisões estavam separadas por tabiques de madeira ou pano, a maior parte só apresentava duas divisões, nos casos em que havia cinco ou mais divisões, eram utilizadas como lojas, tendas ou boticas.

As casas senhoriais urbanas, eram construções amplas e altas com um pátio e uma ou duas torres. Eram mais cómodas, tinham chaminés e algumas possuíam «privadas» ou uma «casinha de mijar».

As casas-torres dos membros das elites locais, eram torres pegadas às casas de habitação, os seus donos pretendiam alcançar prestígio e ascensão social.

As igrejas com as suas torres, ao estilo gótico, eram cada vez mais altas. Ao seu redor, em geral realizavam-se feiras, assembleias municipais mais concorridas, etc.

## ARQUEOLOGIA INDUSTRIAL EM PORTUGAL

Esta é uma disciplina recente em todo o mundo, pois sempre se encontrou ligada à história das técnicas. A Grã-Bretanha foi o epicentro da primeira revolução industrial e os primeiros arqueólogos industriais são britânicos.

Inicia-se o estudo de sítios industriais e as realidades técnicas como os moinhos de maré, de papel, as manufacturas de vidro, alguns altos-fornos, as primeiras fábricas têxteis, a máquina a vapor, o abastecimento de água, as pontes metálicas, etc. Desenvolvem-se as primeiras experiências no campo da museologia.

A revolução industrial deu origem a um novo tipo de sociedade, organizada segundo parâmetros racionais, técnico-científicos e económicos até então nunca vistos. Exerceu um impacto mais violento sobre o ambiente, a cidade e o homem, criaram um novo monumento adequado às necessidades—a fábrica.

A arqueologia industrial usa métodos de análise científica de estratigrafia vertical e espacial, com técnicas de observação e experimentação, que lhe conferem uma grande objectividade.

## INTERVENÇÕES EM SÍTIOS INDUSTRIAIS

Data de 1982-83 a primeira escavação industrial no nosso país, numa oficina da Companhia das Fábricas de Vidros da Amora, concelho do Seixal. Produziam garrafas e garrafões de vidro verde, através de um processo semi-mecanizado, de moldagem.

De 1983-1990, decorreram seis campanhas de escavação na antiga Real Fábrica de Vidros de Coia, aqui uma das descobertas mais importantes foi o vidro plano. Diversos fragmentos revelam que fundiam vidro para espelhos e vidraças. O vidro era estendido numa mesa de bronze, para formar uma grande placa que depois se cortava com diamante.

Na Marinha Grande já ninguém se lembrava da existência de uma fábrica metalúrgica, que aí existiu por volta de 1864, apesar da sua alta chaminé ter conseguido sobreviver até ao séc.XX.

Várias outras escavações, tiveram lugar, revelando: objectos de trabalho, matérias-primas, bocados de máquinas, peças de encaixe e até vestígios da forma como foi destruído o equipamento técnico ( à marretada), no momento do encerramento de uma siderurgia.

## MUSEALIZAÇÃO DE UNIDADES INDUSTRIAIS

O aproveitamento dos espaços é uma ideia generosa, em muitos museus, a unidade industrial, convive com as histórias das empresas mais antigas, preservando o património industrial.

Estes museus encontram-se espalhados por todo o país.